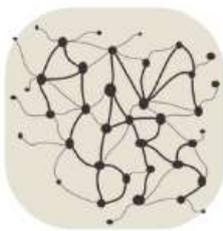


CADERNO DE PROPOSTAS PARA OS DEBATES

I SIMPÓSIO DE ESTUDOS DO DISCURSO E CARTOGRAFIA

**Linhas de fuga:
encontros e
articulações**





SUMÁRIO

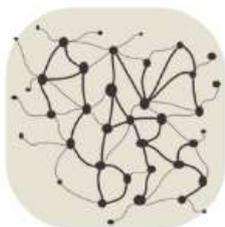
- 1. Linhas de Fuga: Encontros e Articulações na Análise Cartográfica do Discurso e a Transformação da Formação Militar** 6
Lívia Aparecida de Almeida e Sousa
Nacacio Leocadio do Nascimento
- 2. Caminhar, percorrer e traçar no percurso suas metas para a pesquisa com o Slam das Minas do Rio de Janeiro** 6
Ana Paula Almeida Moreira
- 3. Presença e Atenção flutuantes do pesquisador: dispositivos de pesquisa para outros rigores** 7
Renato Luiz Gonçalves de Oliveira
- 4. Ética do cuidado, enação e processos de formação: narrativas como estratégia de pesquisa-intervenção** 8
André Miranda de Oliveira
- 5. Carta-grafia** 9
Morgana B. G.
- 6. (Des)feituuras cartográficas: um feliz caminho errante para os estudos da linguagem** 10
Bruno Gonçalves Borges
Antônio Fernandes Júnior
- 7. Foliar como modo de vida... e de fazer pesquisa em educação! Uma proposta da Oficina de formação inventiva de professores – OFIP** 11
Rosimeri de Oliveira Dias
Líbia da Silva Soares Busquet
Liliana Secron Pinto
Rosilene Jorge dos Ramos
Sandra Cristina Botelho Dias
Rodrigo de Moura Santos
Jussara Silva Cavalcante
Ana Luiza Gonçalves Dias Mello
- 8. A imensurabilidade do tempo e o fetiche da cronologia na pesquisa histórica** 12
Estêvão de Carvalho Freixo
- 9. Cartografando saberes: Análise Cartográfica do discurso, leitor-cartógrafo, universidade e escola** 14
Thatiana Muylaert
Marcela Maria Almeida Silva
- 10. OFICINA - Análise de textos imagéticos: um olhar para o multiletramento e a compreensão de implícitos** 15
Diana de Jesus Ribeiro
Alessandra Cristina Costa Mendes

11.	Desafios na construção de dispositivos teórico-analíticos para construção de corpúsculo	16
	Isabel Cristina Rodrigues	
12.	O declínio do homem provedor: a produção de novos mundos como condição de existência	17
	Bruno Bastos Gomes da Silva	
13.	Cartografia de uma escrevivência filosófica	18
	Guilherme Achôa Moura Leite Aliny Silva Martins Ana Luísa Fernandes Campolina Deivis Perez Lorena Ribeiro Silvestre	
14.	Cartografia e arte: trabalho com a população carcerária em cidade do estado de SP	19
	Gabrielle Martins Fernandes Ana Luiza Chagas de Souza Deivis Perez Lauren Facchini Pinheiro	
15.	Reflexões sobre políticas educacionais mercadológicas e excludentes no ensino público: a perspectiva decolonial como caminho	21
	Mirian Ferreira Grees	
16.	O problema da raça na Análise Cartográfica do Discurso: algumas reflexões teórico-analíticas	22
	Fabio Sampaio de Almeida	
17.	Construindo uma cartografia do nosso cotidiano escolar: entrelaçando nossos fazeressaberessentires	23
	Palmyra Baroni Nunes	
18.	Aproximações e distanciamentos dos discursos e práticas na academia e na escola básica	24
	Bibiana Campos Isabella Amaral Renato Vicentini Raquel Carricondi	
19.	A Literatura como Sismógrafo: Desafiando as Políticas de Esquecimento nos 60 Anos do Golpe Militar	25
	Dara Batista Fernandes	
20.	Reflexões sobre o nomear e a nomeação como prática discursiva	26
	Alejandra Judith Josiowicz	
21.	A literatura na sala de aula de línguas estrangeiras: relações de poder	27
	Luciano Passos Moraes	

22.	Cartografia e silenciamento Francisco das Chagas Costa Lima	28
23.	O artefato cultural como construtor de um corp�us de análise de discurso Alini Silva Peixoto	29
24.	Atravessamentos do campo: olhares e subjetividades Giovanna Nogueira Santos Giulia Lopes Guimarães Soria	29
25.	Deslocamentos conceituais e produ�o de corp�us para uma cartografia da no�o de "raça" em processos de criminaliza�o no Brasil Juliana Ribeiro Azevedo Roberta Calixto	30
26.	“Linguagem acadêmica” e pesquisa cartográfica: a “ciência” em disputa Juliana Ribeiro Azevedo	31
27.	Sentidos do silêncio em Djamila Ribeiro: o não-dito que diz Ana Cristina Andrade dos Santos	32
28.	Novas cartografias, contracartografias, e grafias desejanter Ana Carolina dos Santos Barbosa Ana Cláudia Giordani Andressa Elisa Lacerda Daniela Seixas Bronzi Rocha Débora ScharDOSin Ferreira	33
29.	O Relativismo Linguístico a partir do diálogo entre a Linguística Cognitiva e a Análise do Discurso Crítica: discutindo a inter-rela�o entre o linguístico, o mental e o social Gabriel Ourique de Andrade Roberto Teixeira de Aguiar Junior	35
30.	Percursos e percalços da pesquisa acadêmica: a mobiliza�o de caminhos e desafios da escrita cartográfica Ev�nia Maria Ferreira do Nascimento Luísa Perissé Nunes da Silva	36
31.	Perspectiva cartográfico-discursiva e os desafios impostos � linearidade da escrita Alice Moraes Rego de Souza	37
32.	O feminino como sujeito do fazer pedagógico e alvo da opressão de g�nero: uma cartografia das práticas patriarcais de linguagem presentes no ambiente escolar Marcela Maria Almeida Silva Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal	38

33.	Os desafios e obstáculos em pesquisas de mangás no campo dos estudos culturais, especialmente quando consideradas sob uma perspectiva decolonial Raphael Freires Pessoa	39
34.	Professores-cartógrafos: práticas de pesquisa e intervenção na Educação Básica Del Carmen Daher Dayala Paiva de Medeiros Vargens Ana Patricia Rosinek Lidiane dos Santos Oliveira Thaís Vale Rosa Pereira Samantha Hoehr Appel Patricio Samara Lussac Kiperman Patrícia Aguiar Nunes Cordeiro Leila dos Santos Nogueira	41
35.	Dilemas cartográficos: o movimento de (re)pensar teoria e prática(s) Nicole Silva Stallivieri	42
36.	A complexidade do trabalho docente e seus desafios na contemporaneidade Laryssa Victoriano de Gouvêa	42
37.	A Burocracia Que Nos Move: Um deslocamento de processo Barbara Christiane Campos Oliveira	44
38.	Relações fronteiriças: uma análise cartográfica da revolta de Mucajá Lethicia Roberta Barros Gonçalves	45
39.	Perseguindo o que se oculta: a dificuldade em cartografar a ideia de Inovação na BNCC. Pedro Gabriel da Rosa Leandro Jenifer Marina Felix Gonçalves	46
40.	Produção de subjetividade e materialidade discursiva em comentários racializados no Instagram Nathália Basil	47
41.	Dos armários, fobias, discursos e resistências: cartografia das masculinidades em ambientes digitais Almerindo Cardoso Simões Junior	48
42.	Mídias e produções diferentes, práticas discursivas comuns: debates a partir da relação Estado-sociedade no governo Bolsonaro Gabriel Merlim Moraes Villela Gustavo Henrique da Costa Torquato	49
43.	Quem tem medo da Análise Cartográfica do Discurso? Quebra de paradigmas e novas visões de ciência Ariane Oliveira Maria Cristina Giorgi	50

- 44. Desafios no trabalho com mapas nas aulas de História e uma proposta lúdica** **50**
Fernando Nascimento Rocha do Amaral
- 45. Análise do Discurso e o corpo - fluxos, singularidades e linhas de fuga** **51**
Mônica de Souza Hourí
- 46. “É preciso ter pulso firme”: a violência presente nos discursos encontrados nas escolas** **51**
Maria Clara Gomes Braga
Késsia Cristina de Souza Rosário
- 47. Racialização e megaempreendimentos: quais os desafios da cartografia na identificação dos atores sociais?** **53**
Ester Cristina Mello Guerra
Fábio Sampaio de Almeida



1. Linhas de Fuga: Encontros e Articulações na Análise Cartográfica do Discurso e a Transformação da Formação Militar

Lívia Aparecida de Almeida e Sousa

Universidade da Força Aérea

Nacacio Leocadio do Nascimento

SEEDUC- RJ

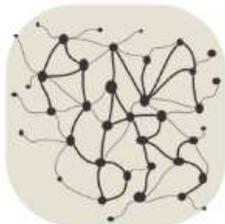
Este debate busca explorar as interseções entre a Análise Cartográfica do Discurso e a formação militar, com foco na educação continuada. Discutir como a agência docente é impactada e, por sua vez, como essa agência pode potencializar a transformação do processo de formação militar abre possibilidades para transformações sociais e culturais. Tópicos de Discussão: 1. Intervenções Formativas: discutir como as intervenções formativas, como a publicação de artigos e a participação em grupos de trabalho, podem reformular as regras de participação e a divisão de trabalho na formação militar. 2. Agência Docente: explorar como a agência docente é impactada pela educação continuada e como essa agência transforma o processo de formação militar. 3. Teoria da Atividade: analisar como a Teoria da Atividade pode ser estudada no contexto da formação militar, com foco na perspectiva sócio-histórico-cultural. 4. Escrevivências: discutir as escrevivências como uma forma de escrita disruptiva de nós próprios e como elas podem potencializar diálogos fecundos entre o meio militar e o acadêmico.

2. Caminhar, percorrer e traçar no percurso suas metas para a pesquisa com o Slam das Minas do Rio de Janeiro

Ana Paula Almeida Moreira

UFRJ

Estive em duas batalhas ocorridas no ano de 2022 no Slam das Minas do Rio de Janeiro. A primeira foi o tão esperado regresso do coletivo às cenas cariocas. O retorno ocorreu após o fim de isolamento social ocasionado pela Pandemia de Covid-19, que acarretou um movimento totalmente organizado pelas plataformas digitais. Diante do fato, uma sensação de frenesi apoderou-se do meu corpo. Como um flâneur observava as coisas e os exercícios se desenvolviam em um constante envolvimento e distanciamento. Baudelaire, segundo Benjamim (1994, p. 45), definia o flâneur como

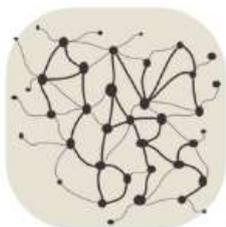


guides: “o homem das multidões”. Ser igual ao flâneur me permitia conhecer aquele lugar da cidade e explorar a observação. Virginia Kastrup diz que toda pesquisa é uma intervenção, ou seja, mergulha na experiência que agencia em um mesmo plano: sujeito e objeto; teoria e prática. Para Suelly Rolnik, a subjetividade do cartógrafo é afetada pelo mundo na sua dimensão matéria-força e não na dimensão de matéria-forma. Rolnik explica que entender para o cartógrafo não tem vínculo com o sentido de elucidar e, também, não tem proximidade com a tarefa de esclarecer nada, porque não há coisa alguma que esteja num plano de superioridade que faça revisitar algo que esteja num propósito empírico. Isto é, fazer cartografia é ir ao campo e deixar-se agir por tudo o que lá acontece. Essa pesquisa partiu do interesse em analisar as batalhas ocorrida pós-pandemia (ano de 2022) do Slam das Minas do Rio de Janeiro. Nessa pesquisa, eu me senti fazendo a experiência de um flâneur na concepção de Walter Benjamin (1994). Com uma tranquilidade excessiva, a praça naquele momento se tornou o meu lugar.

3. Presença e Atenção flutuantes do pesquisador: dispositivos de pesquisa para outros rigores

Renato Luiz Gonçalves de Oliveira
UFRN

Numa investigação que se pretenda analítica dos processos de subjetivação e sua aparente esteira de permanência na passagem do tempo, as categorias “sujeito” e “objeto”, linearmente alinhadas e verticalmente hierarquizadas, precisam de revisão - e abandono. Como o que vai também fica, não se trata de um desaparecimento, mas de uma subversão - uma versão abaixo da versão. Usualmente, o sujeito constrói uma série de provocativos para a realidade e espera encontrar nela amparo ou rejeição ao que propôs. Em alguma medida, é sobre isso a ciência moderna - e contemporânea. Entretanto, esse olhar direto do sujeito em direção ao objeto nunca foi exatamente pacífico, gratuito, generoso ou mesmo sem retaliação. Quando Seeger (1980) embrenhou-se nas matas das “terras baixas da América do Sul” (p.23), ele resgatou os dilemas de realizar uma pesquisa de campo. E defendeu a etnografia como método de analítica. Ao tratar de pesquisa de campo, Seeger traz ponderações que fazem

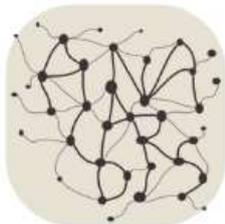


ampliar os sentidos da etnografia. Essas ponderações dão conta de uma marca, de uma temporalidade e de uma presença efetiva do pesquisador no campo e na escrita. Não uma presença esterilizada ou impessoal, mas uma que desenvolva uma “atividade singular [...], num momento específico de sua trajetória pessoal e teórica [...] e essa é exercida sobre um grupo social que se encontra num certo momento de seu próprio processo de transformação” (SEEGER, 1980. p 25). Denota, portanto, um campo relacional, um colóquio entre vozes que o pesquisador carrega consigo, as vozes que o campo permite ao pesquisador escutar, as vozes que não são ouvidas, aquelas que nem existem mais. Esse colóquio, pela flutuação da própria atenção do pesquisador, põe a pesquisa em gerúndio, em acontecência. Esse colóquio, essa conversa com muitíssimas vozes, não deixa de ser uma invasão, o que evidencia o fato de que o campo reage ao pesquisador. Essa presença é um problema para o campo. Não somente do ponto de vista do incômodo, mas também da divisão de funções e tarefas entre o próprio grupo - isso tudo aparecerá nos detalhes da pesquisa. É uma apurrinhacão para a comunidade receber uma pessoa alheia às suas tradições, mais uma boca para alimentar, para usar os recursos, para proteger dos perigos naturais e, ainda por cima, fazendo perguntas o tempo todo. Perguntas para as quais ele exige elaboração nítida e reveladora, no lugar da descoberta e da ambiguidade que, muitas vezes, explica melhor a coisa.

4. Ética do cuidado, enação e processos de formação: narrativas como estratégia de pesquisa-intervenção

André Miranda de Oliveira
UFRJ

Propõe-se a discussão e acompanhamento de uma pesquisa intervenção de perspectiva cartográfica em curso, a qual tem como objetivo propor uma conceituação de cuidado no campo da educação, sua relação com os processos de aprendizagem e seus impactos na formação dos sujeitos, numa articulação entre os campos de estudos da Ética do Cuidado e da Teoria da Enação. Trata-se de uma pesquisa-intervenção que, além de realizar uma pesquisa teórica sobre o conceito de cuidado, visa desenvolver uma pesquisa de campo com um grupo de adolescentes voluntários

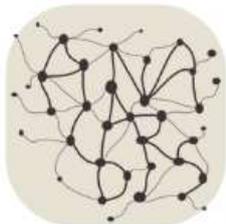


do Ensino Médio de uma escola privada comunitária da zona sul do Rio de Janeiro. Em cinco encontros de 2h com o grupo, o pesquisador realizou um trabalho de discussão e sensibilização dos estudantes para as diversas maneiras de compreender o cuidado, com foco na experiência escolar. O dispositivo grupal busca inspiração nos Laboratórios Estéticos da Atenção, propostos por Yves Citton (2014), utilizando a leitura compartilhada de textos literários para ativação das discussões no contexto grupal. Os dados serão cultivados e analisados por meio do método da cartografia (Deleuze e Guattari, 1995; Passos, Kastrup e Escóssia, 2015; Passos, Kastrup e Tedesco, 2016), buscando destacar possíveis efeitos entre experiências comunitárias de cuidado e a produção de conhecimento na formação escolar.

5. Carta-grafia

Morgana B. G.
UFMG

Cara(es)(os) colegas, vimos através desta carta, apresentar, já o fazendo, nosso percurso poético-conceitual com a Cartografia Epistolar como método e forma de pesquisa em artes, que estamos desenvolvendo no pós-doutorado em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal de Mato Grosso. Sabemos que a cartografia já se consolidou como método de pesquisa no Brasil, desde o emblemático livro *Cartografia Sentimental*, de Suely Rolnik, publicado ao final da década de 80. A partir desta e de outras referências acerca do método cartográfico (Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Liliana da Escóssia, Silvia Tedesco, Roberta Romagnoli, Clarissa Alcântara, Marithê Azevedo, entre outras), temos desenvolvido a Cartografia Epistolar, a partir da qual apresentamos cartas como produtos acadêmicos. No entanto, a despeito de termos defendido com êxito uma tese epistolar, que chegou a ser indicada pelo Programa de Pós-graduação em Performances Culturais, Universidade Federal de Goiás, para o Prêmio Capes Tese 2020, bem como das diversas Cartas Acadêmicas que temos publicado em periódicos especializados, ainda encontramos grandes desafios nos debates interdisciplinares. Pesquisadoras(es) atribuem tamanha incompreensão à tirania teórica das abordagens positivistas e estruturalistas das

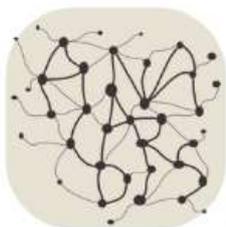


Ciências Humanas (Passeron), perpetuadas por epistemologias racionalistas, conceitos logocêntricos, discursos falocráticos e posturas colonizadoras, ainda no século XXI. Em nossa pesquisa atual, produzimos uma Cartografia Epistolar com o Mulherio das Letras, coletivo autônomo de escritoras brasileiras que surgiu no Nordeste, em 2017, com objetivo de dar visibilidade às literaturas femininas contemporâneas, contando atualmente, com mais de 7 mil participantes em todas as regiões do Brasil e em outros países, como Portugal e Espanha. Na esperança de encontrarmos demais entusiastas do método cartográfico, especialmente oriundas(es)(os) da Análise do Discurso, que potencializem nosso trabalho, abriremos o processo de pesquisa em andamento, compartilhando a construção da nossa Cartografia Epistolar, a partir de alguns movimentos desejantes, a saber: participação no VI Encontro Nacional Mulherio das Letras, no Rio de Janeiro, em 2023; aquisição de obras literárias das escritoras do coletivo, que vêm sendo premiadas no Jabuti, ano após ano; trocas de cartas com essas escritoras, que temos mobilizado a partir de uma carta-convite que lhes escrevemos, lida presencialmente no Encontro Nacional. Mais do que respostas, compartilharemos questões da pesquisa, acreditando neste Simpósio como espaço coletivo de saber-fazer, em prol de novas formas de produções de conhecimentos, que se contraponham de maneira construtiva a métodos hegemônicos não raramente epistemicidas. Saudações cerratenses.

6. (Des)feituuras cartográficas: um feliz caminho errante para os estudos da linguagem

Bruno Gonçalves Borges
Antônio Fernandes Júnior
Universidade Federal de Catalão

A cartografia é um método de pesquisa científica? Não estamos certos disso. A aposta é um risco que deve ser assumido, mas ao passo que a prudência também se faz imperativa sob o risco de perdermos o que de melhor tem essa perspectiva. O que temos, de imediato, é um permanente estado de feitura e desfazimento de preceitos que se insinuam a nós durante os percursos investigativos, das orientações de trabalhos acadêmicos, de debates científicos, ora com mais intensidade, ora com mais

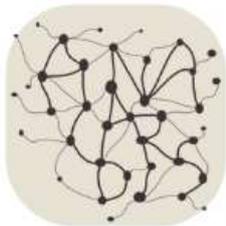


velocidade. A cartografia, no sentido deleuziano, não é a composição do mapa, mas a sua problematização e, por isso, a noção de caminho errante é inevitável. Nossa experiência se pauta na abertura a essa perspectiva que acreditamos ser potente e nos procedimentos experimentais de avizinhamo conceitual e, ao mesmo tempo, criação de abordagens, intersecções, fugas de uma estratificação ainda muito comum na prática da pesquisa. Nosso objetivo com esta proposta é compartilhar a experiência de orientação, de produção acadêmica e de sala de aula, diante do desafio que é produzir um plano sobre o qual a materialidade discursiva possa ser analisada segundo as potencialidades internas e suas conexões com a vida – para não ter que citarmos todas as variantes possíveis – ou seja, uma abordagem cartográfica das relações de força.

7. Foliar como modo de vida... e de fazer pesquisa em educação! Uma proposta da Oficina de formação inventiva de professores – OFIP

**Rosimeri de Oliveira Dias
Líbia da Silva Soares Busquet
Liliana Secron Pinto
Rosilene Jorge dos Ramos
Sandra Cristina Botelho Dias
Rodrigo de Moura Santos
Jussara Silva Cavalcante
Ana Luiza Gonçalves Dias Mello
FFP- UERJ**

Foliar é exercício de folião. Da alegria do ser, da heterotopia dos corpos, das belezas, das liberdades, errância. Folia é exercício de si! Não se folia sozinho. Folia é encontro! Não se folia sem música, sem dança, sem sorriso largo. Folia é movimento! Foliar se encontra com folhear por proximidade fonética. Folhear é exercício de leitor. Do encontro desordenado com a palavra, leitura errante, movimentação de páginas em ir e vir, compasso e descompasso, invenção de caminhos. Folhear é invenção! Folear, em espanhol, por sua vez, é ato sexual. Encontro de corpos, roçar de pele, suor, gozo! Folear é exercício de desejo! Nesta proposta de plenária pretendemos trazer a discussão sobre encontro, movimento, invenção e desejo como modo de pesquisar, de atuar na educação e de viver, tendo como fio condutor a experiência cartográfica.

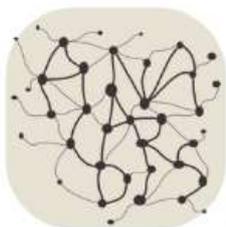


Propomos seguir o princípio de uma formação inventiva de professores, a saber: habitar o campo de uma racionalidade sensível para ampliar o grau de suportabilidade para viver uma experiência de problematização, colocando em análise a relação estreita entre formar, transformar, desformar e viver. Um processo de esfoliação, de retirar camadas de pele que se dá na fricção do encontro dos corpos e abre espaço para o novo. O desafio é ligar aprender e deslocar, arte e invenção, na afirmação da vida, para tensionar os territórios de reconhecimento e de solução de problemas para experienciar um espaço-tempo de invenção de si e do mundo. Questão rara no presente! Por isso, a aposta é colocar em discussão pistas para forjar movimentos errantes na produção do pensar e do fazer pesquisa e formação como produção de subjetividade, acompanhando e cartografando processos para desindividualizar e tecer coletivos que se deslocam entre universidade e escola básicas públicas, um movimento que vimos realizando no Grupo de Pesquisas Oficinas de Formação Inventiva de Professores – OFIP/CNPq – desde 2009, na FFP-UERJ. Para isso, propomos um exercício de escuta e de partilha do comum por meio de troca de escritas, poemas, cartas, notas produzidas no encontro com os participantes da plenária. Movimento em que será possível explicitar as pistas de uma formação inventiva de professores, a saber: 1) formar é forjar uma política de conhecimento que opera como um ensino movente, entre formar e desformar; 2) Como pesquisar-intervir acompanhando processos de produção de subjetividade?; 3) Como é possível tomar a formação como um dispositivo de transformação?; e, 4) Conhecer é agir.

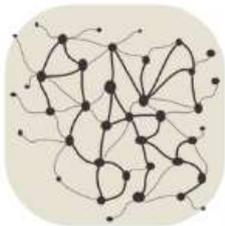
8. A imensurabilidade do tempo e o fetiche da cronologia na pesquisa histórica

Estêvão de Carvalho Freixo
UERJ

Desde que a história quis se assegurar o estatuto do que no século XIX se entendia por ciência, esforços foram feitos para se estabelecer no campo uma metodologia própria e suficientemente rigorosa. No século XX, quando então se concedeu maior lugar à reflexão de ordem teórica, o passado foi eventualmente compreendido como efeito de um olhar que a ele se dirige a partir do presente. Nesse sentido, se cada



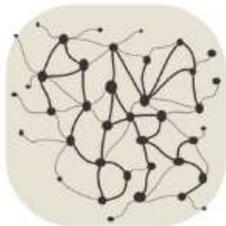
época fabrica sua representação do passado histórico com os materiais de que dispõe, poderia se argumentar que o vínculo entre passado e presente constrói sua direção genealógica em uma via de mão dupla. Tanto o presente advém do passado, por condições possibilitadoras ou causais, quanto o passado ganha vida na representação que dele fazemos no presente. Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*, nos advertiu da insuficiência do sistema cronológico na representação histórica e sobre como os diferentes momentos temporais articulam-se sob a primazia do que ele mesmo preferiu chamar de porvir, ao invés de futuro. Sua ênfase nesse tempo vindouro quer destacar o fato de que as fases temporais (passado, presente, futuro) são acionadas como resultado do impulso que insere o ser na processualidade. Neste caso, não se poderia sustentar a existência de um passado simplesmente dado, morto, possivelmente recuperável em sua finitude. A existência de cada momento estrutural do tempo deveria sua gênese à processualidade do ser que, para se ocupar do mundo, produz o enleamento das dimensões temporais. Explorar o passado seria, portanto, explorar também o presente. Pensemos então no efeito de ressonância entre as temporalidades sugerido por Rosanvallon quando caracteriza seu projeto de uma história filosófica. Seguindo sua metáfora acústica, poderíamos conceber que certas oscilações de conjuntura estejam ativas tanto no passado quanto no presente, ainda que atuantes sobre disposições relativamente diversas. Podemos ainda indicar o nexo de causalidade entre os momentos da temporalidade como sendo seu próprio vínculo associativo. Desse ângulo, não seria o caso de o passado resultar no presente ou vice-versa. Ao invés disso, o entrelaçamento entre as fases temporais é o que faria com que a estimulação de qualquer uma delas evocasse a presença da outra. A inextricabilidade aqui sugerida entre passado e presente evoca, porém, um desafio de ordem metodológica. Como estruturar um trabalho de pesquisa cujo assento institucional lhe exige ser realizado no interior de um recorte cronológico, quando o passado recortado pelo historiador não pode ser pensado senão na sua relação com o presente?



9. Cartografando saberes: Análise Cartográfica do discurso, leitor-cartógrafo, universidade e escola

Thatiana Muylaert
Marcela Maria Almeida Silva
UERJ

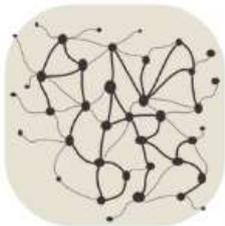
A partir do nosso lugar de profissionais de educação, atuando no chão da escola e da universidade, apresentamos aos participantes do I Simpósio de Estudos do Discurso e Cartografia um debate que nos pareceu oportuno, especialmente àqueles/as que lecionam ou pretendem lecionar: é possível estender a aplicabilidade dos princípios da cartografia discursiva aos processos de ensino-aprendizagem que envolvem o ensino da(s) língua(s), afastando-nos, por um lado, de uma equivocada didatização simplificadora e, por outro, dos academicismos que subalternizam o debate pedagógico? Tendo como base teórico-metodológica a Análise Cartográfica do Discurso (Deusdará; Rocha, 2021), entendemos que o referido questionamento aponta para duas frentes analíticas: uma mais voltada à teorização sobre as conexões que a Análise do Discurso pode construir com os diversos campos do saber - o que implica, no caso, em procurar estabelecer pontes com o campo da educação e da pedagogia -, e outra de natureza aplicada, e que nos parece muito próxima dos debates a respeito das relações que a Análise do Discurso pode estabelecer com a didática e com os parâmetros curriculares referentes ao ensino da(s) língua(s) na atualidade. Por essa razão, ousamos apontar o conceito de leitor-cartógrafo (Menezes, 2021) – aquele capaz de se (des)territorializar e se (re)territorializar para construção de efeitos de sentido a partir de materialidades distintas, uma vez que territórios psicossociais são passíveis de serem cartografados (Rolnik, 2016) - como pista eficiente para aglutinar as frentes analíticas indicadas acima. Dessa forma, levamos em consideração os contextos históricos, sociais e políticos como guias na construção dos corpos-discursos com os quais trabalhamos em sala de aula.



10.OFICINA - Análise de textos imagéticos: um olhar para o multiletramento e a compreensão de implícitos

Diana de Jesus Ribeiro
Alessandra Cristina Costa Mendes
UERJ

Despertar a consciência, desenvolver a criatividade, ampliar o conhecimento e humanizar o indivíduo são algumas das razões que justificam a importância da prática leitora, assim consideramos relevante a apresentação de diversos gêneros textuais, discutindo diferenças, características e funções sociais. Dessa forma, o trabalho aqui exposto, objetiva apresentar conceitos de leitura e multiletramentos a partir da disposição de textos imagéticos, com intuito de analisar e questionar as possibilidades dos sentidos, do dizer, dos pressupostos e dos subentendidos. O primeiro capítulo visa discorrer acerca do “Multiletramento e Leitura: a relação entre níveis e naturezas da leitura na sala de aula”, fundamentado por Magda Soares (2010), Rojo (2015, 2019), Marisa Lajolo (2002), Maria Helena Martins (1994), dialogando com Paulo Freire (1990) e Klaiman (1995). No segundo, o foco são as discussões sobre “Textos imagéticos e suas funções sociais para aprendizes do Ensino Fundamental” e a ancoragem teórica encontramos na BNCC (2017), nos trabalhos de Possenti (1998) e de Antunes (2009 e 2010) cuja contribuição é a discussão analítica das concepções de texto e de ensino. No último capítulo, a abordagem volta-se para “Leitura e compreensão de textos imagéticos na sala de aula e a construção de sentido” com foco nos gêneros textuais multimodais, na polifonia, na intertextualidade, no dito, no não dito, no explícito e o implícito. E são Kleiman (1989 e 2004), Orlandi (2005), Ana Lúcia Tinoco Cabral (2010), Ducrot (1987) e Koch (2003) que farão as honras do embasamento teórico. O recorte desta pesquisa aborda o desenvolvimento da leitura crítica nos anos finais do ensino fundamental; o aprofundamento nas estratégias linguísticas e o aumento do repertório interpretativo dos estudantes, apoiando-se no multiletramento, a fim de ser encaminhá-los à construção de sentido, à compreensão, à interpretação e à identificação de explícitos e de implícitos. Já a metodologia, abrange a pesquisa teórica e a explicativa dos temas de estudos da linguagem norteadores deste trabalho cujo intuito é apresentar reflexões e estratégias que possam indicar possibilidades, a fim de que o docente aplique atividades com textos

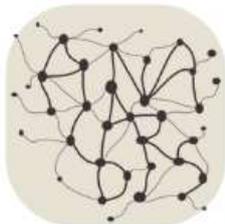


imagéticos em sala de aula, com variados recursos. Por fim, ressaltamos a importância de se problematizar “as maneiras de ler”, e apontamos como imprescindível perceber que a neutralidade é uma ilusão existente, por isso devemos adotar uma relação menos ingênua com a linguagem. Assim, esperamos que as discussões sobre leitura e multiletramento aqui apresentados contribuam com a prática do ensino de Língua Portuguesa na educação básica.

11. Desafios na construção de dispositivos teórico-analíticos para construção de cópús

Isabel Cristina Rodrigues
UERJ

Na obra *Análise Cartográfica do Discurso* (Mercado de Letras, 2021), em seu capítulo 4, Deusdará e Rocha discutem a relação entre produção de cópús e quadro teórico-metodológico. Trata-se de tema caro às pesquisas em *Análise de Discurso*, já que a noção de cópús de afasta de um senso comum que vê tal dispositivo apenas como a seleção de determinado material de interesse para dada pesquisa – por exemplo, uma coletânea de pronunciamentos parlamentares sobre determinado projeto de lei, durante discussão em plenário, material inicial de minha própria pesquisa de doutorado. Como a obra citada bem descreve, o reconhecimento de um material de interesse, como os pronunciamentos parlamentares, é apenas o primeiro passo de produção de um cópús. O trabalho de acessar tais pronunciamentos em sua totalidade se revelou apenas a parte braçal desse processo de produção de cópús. Construir um dispositivo teórico-analítico que permitisse reconhecer tal material como necessário à construção de um cópús foi o trabalho efetivamente inicial de pesquisa. Tal operação vem sendo repetida por diversos pesquisadores que se vinculam aos pesquisadores que ora organizam este evento. A “operação” que se repete, porém, não é a de empregar uma mesma metodologia de análise. A “operação” que se repete é a de se construir um dispositivo teórico-analítico, a partir de teorias de referência. Esse procedimento, igual e diferente ao mesmo tempo, para cada pesquisador, me parece sempre um desafio grande na construção das pesquisas, o que observo nas minhas pesquisas e, também, nas de outros colegas. As bancas de qualificação

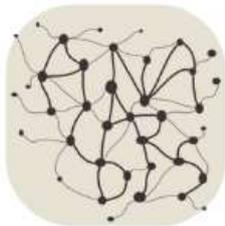


costumam revelar os desafios desse momento de pesquisa. Encontrar caminhos metodológicos, a partir da teoria de referência, para organizar dado material, chegando a um dispositivo que permita uma análise discursiva, é parte da pesquisa. O debate que proponho é de que modo o grupo poderia dar ainda mais visibilidade a esses processos de pesquisa, ampliando um saber já bem compartilhado no capítulo 4 de *Análise Cartográfica do Discurso*.

12.O declínio do homem provedor: a produção de novos mundos como condição de existência

Bruno Bastos Gomes da Silva
UERJ

Se a função da linguagem fosse descrever ou comunicar um mundo já posto, todo dito seria um depois. Os performativos, ação praticada pelo mero ato de falar (desculpar-se, prometer algo, protestar etc.) demonstram que o real não é anterior aos discursos, jogando por terra a concepção da língua enquanto representação. Dessa forma, tomados por essa acepção enunciativa da linguagem, podemos percebê-la enquanto construtora do real, portanto, enquanto “linguagem-intervenção” (Deusdará; Rocha, 2023, p. 220). Nesse enfrentamento às cristalizações impostas por uma concepção representacionista, se faz necessária a desnaturalização das formas instituídas, a fim de que se possa engendrar uma atmosfera possível para o surgimento de outros tipos de pensar. Para isso, seria necessário considerar o objeto atrelado às suas condições históricas, cartografando-o por meio de suas conexões com outros objetos e sujeitos, que nele agem e que por ele são agenciados; percebendo, dessa forma, processualidades, e não sedimentações, identidades. Assim, entendendo a “realidade” enquanto produto de agenciamento mútuo entre sujeito e objeto e apoiado em teorias dos estudos do discurso, pretendo, neste trabalho, cartografar os processos de subjetivação que falham na instauração de uma formação discursiva heteronormativa. Isso poderá ser realizado pelo mapeamento dos processos coletivos de forças que estão em jogo na construção de subjetividades outras. Partindo desse pensamento, focalizo minha atenção nos jogos de forças que estão em embate na instituição do masculino que escapa ao ideal de homem, materializado pelos ícones da potência, da



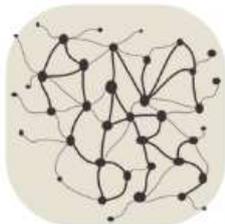
força e da virilidade, para entender como a frequente “destituição” desses homens do lugar de chefe de família se articula com a construção de sua masculinidade em seu tempo. Essa tomada de posição joga luz nos privilégios de gênero, mas, sobretudo, direciona a problematização para o(s) lugare(s) ocupado(s) pelos homens no âmbito familiar como ferramenta analítica da condição masculina. Interessa-me, ainda, observar as resignificações/produções de mundo que sustentam a sua existência em um mundo que valoriza, em detrimento de todas as outras possibilidades de produção do masculino, o homem provedor e “bem-sucedido”, aquele que pode e deve ser ouvido. Produções essas de homem que correspondem a uma formação patriarcal instituída por e instituidora de discursos, como “ele nunca deixou faltar nada em casa”, “ele sempre foi um homem trabalhador”, “ele sempre garantiu o nosso sustento”, “ele é um exemplo de homem a ser seguido”.

13. Cartografia de uma escrevivência filosófica

Guilherme Achôa Moura Leite
Aliny Silva Martins
Ana Luísa Fernandes Campolina
Deivis Perez
Lorena Ribeiro Silvestre

Programa de Educação Tutorial - Psicologia UNESP

No prelúdio desta conversação, que ora alvitramos, cumpre evidenciar que aqui comparecem quatro graduandos e um professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP), os quais integram o Programa de Educação Tutorial (PET Psicologia), que desde 2011 realiza ações integradas de ensino, pesquisa e extensão. Viemos registrar e dialogar sobre as movimentações que produzimos nos últimos catorze meses por meio de uma pesquisa-intervenção com presos de um estabelecimento do sistema prisional paulista. Vidas presas? É o que dizem. Encontramos uma possibilidade de trabalho com estas pessoas no cenário de diálogos com psicólogas e educadores de uma prisão. As nossas dúvidas eram: E se a potência humana pudesse ser trabalhada, de modo que afetos, subjetividades e pensamentos se libertassem para voejar? Pronto. Pesquisa-intervenção. Veio a proposta para doze homens presos. Acolheram. Vamos todos nos fazer aprendentes do cartografar. Deleuze e Guattari na prisão.



Compareceu Foucault também. Queremos filosofar sobre a vida presa e suas vicissitudes, declararam os presos. Pareceu alvissareiro e seguimos juntos. De nossa parte sugerimos: vamos fazer uma escrevivência da experiência vivencial em seus nexos com saberes filosóficos. Entramos em acordo para agir. Seguiram trocas intersubjetivas, leituras e estudos. Movimentos dialogais entre os aprendentes: pesquisadores e trabalhadores-presos. Traçamos planos de estudos, reflexões e aprendizagens. Antes, o método cartográfico. Talvez um jeito de partilhar escrevivências. Transversalidade, rizoma, multiplicidade de linhas e vetores. Pareceu difícil, mas o grupo de aprendentes se reuniu e apostou na potência da construção coletiva, respeitando a processualidade grupal. E quantos temas emergiram quando conectamos filosofia e vida: a liberdade, a religião e a fé, a política e a economia, o poder e as estratégias de docilização de corpos em instituições... No decorrer do ano nos constituímos como protagonistas da pesquisa-intervenção. Apesar disso, não podemos negar que inúmeras questões nos acompanham e queremos compartilhar algumas: a) como lidar com os embaraços, empecilhos e dificuldades impostas por instituições totais? b) qual o nível ideal de apropriação do método cartográfico e de pesquisa intervenção por nossos parceiros, que integram a pesquisa simultaneamente como partícipes e voluntários? c) Neste continuum de movimentações intersubjetivas, quando encerrar os trabalhos?

14. Cartografia e arte: trabalho com a população carcerária em cidade do estado de SP

Gabrielle Martins Fernandes

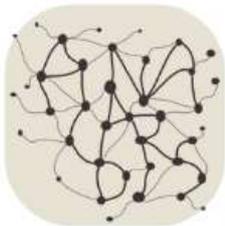
Ana Luiza Chagas de Souza

Deivis Perez

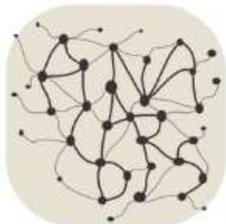
Lauren Facchini Pinheiro

Programa de Educação Tutorial - Psicologia UNESP

Antes de principiar a exposição da nossa proposta de debates neste Simpósio é preciso expor quais são as paragens de onde partimos como sujeitos imersos em incessantes processos de subjetivação. Somos um grupo de três discentes e um professor integrantes do Programa de Educação Tutorial em Psicologia da



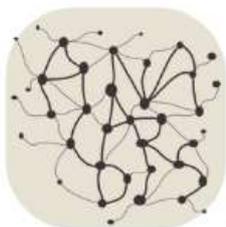
Universidade Estadual Paulista (UNESP). A presente proposta de debate parte de um projeto contínuo e não acabado de pesquisa-intervenção cartográfica denominado “Diálogos”, iniciado no primeiro semestre de 2023 e que se move ainda nos correntes dias. Tratou-se de uma propositura consubstanciada como um caminhar dialógico e de parceria que conectou, por meio de uma rede comunicante (transversalidade, em sintonia com Guatarri, 1981), seres heterogêneos: os pesquisadores (estudantes e professor) da UNESP e um grupo de quinze pessoas cujas vidas foram aprisionadas numa Penitenciária modelar situada em uma cidade do interior paulista. Vidas presas, atravessadas pelos efeitos de um aparelho (a prisão) fatigante, minucioso e extenuante conforme Foucault em seu *Vigiar e Punir*. O arrojo e atrevimento do projeto foi possibilitar encontros focalizados no exame de artefatos artísticos (quadros e textos poéticos), por si polissêmicos, móveis e cambiantes, e na posterior composição de textos sobre a arte e de uma rede discursiva e intersubjetiva em movimento que relacionou presos e pesquisadores. Conhecer a arte e a partir daí criar realidades de si e do mundo, delineando caminhos e itinerários vivenciais e subjetivos traçados conjuntamente por pesquisadores e pessoas presas sem normas, leis ou prescrições. Trabalho de pesquisa-intervenção que reuniu estudiosos e vidas presas, o qual incessantemente nos imprime e nos impõe questões que nesta ocasião propomos analisar e debater com pares, a saber: a) quais os aspectos potencializadores e dificultadores da aplicação do método cartográfico, que tenciona a libertação, junto a pessoas institucionalizadas numa prisão? b) qual a efetiva permanência dos deslocamentos produzidos nos processos de subjetivação ensejados no decorrer do caminho investigativo-interventivo cartográfico com a população prisional? c) Somos pelo abolicionismo penal, mas é uma opção ético-política não atuar com aquelas pessoas cujas vidas estão presas? Aqui estamos com nossas incertezas e perplexidades.



15. Reflexões sobre políticas educacionais mercadológicas e excludentes no ensino público: a perspectiva decolonial como caminho

Mirian Ferreira Grees
SEEDUD/RJ e UERJ

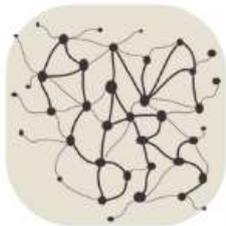
A fim de promover uma reflexão e estabelecer relações entre as ações neoliberais que impactam o ensino público, advindas, especialmente, de políticas públicas implementadas nos últimos anos, buscamos trabalhos que tratam desse aspecto de diferentes maneiras, mas que constroem uma rede de conexões discursivas junto ao documento que é o foco desta pesquisa, a saber: O projeto de lei (2019) “Programa Institutos e Universidades Empreendedoras e Inovadoras – Future-se”; junto à tese de doutorado de Souza (2019): Base Nacional Comum Para Quê/Quem? Uma Cartografia de Conflitos Discursivos na Produção de um Currículo Oficial; e à dissertação de mestrado de Carvalho (2020): Todos pela educação? Uma construção de sentidos sobre educação em uma esfera empresarial. Pretende-se, como objetivo geral, ampliar o debate sobre as políticas públicas de cunho neoliberais que vêm sendo constituídas visando o ensino público superior de qualidade, gratuito, que promove o tripé pesquisa, ensino e extensão de todas as áreas da sociedade, assim como o ensino básico. Nesse contexto, o problema de pesquisa se configura pelos embates e conflitos na construção dos sentidos produzidos sobre a educação pública. Como se dá a interferência de governos que visam uma intervenção nos rumos do ensino, considerando o mercadológico e apagando a criticidade, a ética, a cidadania. Como fundamentação teórica, utilizamos os preceitos de Maingueneau (2004-2008) sobre discurso, de Foucault (2017-2019) acerca dos enunciados, da formação discursiva e da governamentalidade, como também Deusdará e Rocha (2021) que nos elucidam sobre a análise do discurso sob uma perspectiva cartográfica, acompanhando os processos de forma a “dar língua para afetos”, para o que nos afeta como educadores e pesquisadores. Trazemos para esse diálogo o conceito de decolonialidade apresentado por Santos e Matos (2022) para traçar possíveis caminhos de transformação. Dessa forma, através do debate, construir coletivamente uma maneira de resistir com a perspectiva decolonial.



16.O problema da raça na Análise Cartográfica do Discurso: algumas reflexões teórico-analíticas

Fabio Sampaio de Almeida
CEFET/RJ

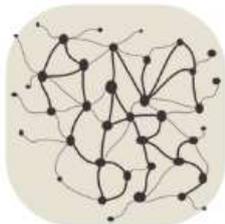
Deusdará e Rocha, no livro *Análise Cartográfica do Discurso*, explicitam que os interesses que mobilizam os trabalhos nessa perspectiva precisam estar centrados em agenciamentos, isto é, busquem refletir “de que modo uma enunciação – sempre coletiva – encontra a materialidade de corpos que se agrupam em torno de enunciados produzidos” (2021, p. 157-158). Partindo dessa premissa e em diálogo com inúmeros trabalhos desenvolvidos pelo grupo (De Paula, Almeida e Giorgi, 2018; Deusdará e Giorgi, 2019; Gonçalves, 2021), esta apresentação busca problematizar a apreensão de uma dimensão da racialidade, a raça, como construto teórico-analítico que simultaneamente pode reconfigurar os estudos em AD de um ponto de vista tanto epistemológico (como conceber a raça enquanto prática discursiva) quanto ontológico (como os corpos racializados tornam-se sujeitos na vida). Parto da compreensão do poder de intervenção da linguagem (Rocha, 2006) na construção de realidades sócio-históricas e na produção de subjetividades. E considerando a história da colonização, das diversas diásporas étnico-raciais e da constituição de um discurso racista que produz relações de poder (Mbembe, 2014; Carneiro, 2023; Hall, 2018, Kilomba, 2019) busco colocar em questão o problema da relação entre raça e discurso, formulado a partir de algumas perguntas: em que condições de produção é possível: a) afirmar a dimensão da racialidade como constitutiva da produção discursiva, sem com isso reforçar uma suposta essência do ser? b) pensar o dispositivo da racialidade e os discursos raciais/racialistas/racistas como formas de pré-construído? c) recorrer à dimensão corpórea enquanto materialidade discursiva como instância de constituição de grupos e produção de subjetividades? d) encontrar um sujeito corporificado e racializado ancorado numa rede interdiscursiva de práticas discursivas racistas e antirracistas?



17. Construindo uma cartografia do nosso cotidiano escolar: entrelaçando nossos fazeressaberessentires

Palmyra Baroni Nunes
PUC-Rio

A pesquisa, em andamento, busca investigar os processos tecidos pelo que meus alunos, minhas alunas (do primeiro ao sexto ano do Ensino Fundamental da escola pública que trabalho) e eu fazemos, sabemos e sentimos em nosso cotidiano escolar. Como professora-pesquisadora, investigo as minhas próprias vivências (Moura, 2018) no contexto da sala de aula em que atuo. Dessa forma, da minha experiência no ambiente escolar, nasceu o desejo de relatar as belezas e os desafios que vivo e que são fruto do fazer exploratório do dia a dia. Essas coconstruções ocorrem por meio de uma escuta-atenta-reflexiva-inclusiva-transformadora, em que ouço o que os estudantes têm a dizer, reflito sobre seus desejos, para inclui-los em nossas atividades e, assim, transformar nossas aulas, criando oportunidades de pertencimento e comunidades de aprendizagem em nosso cotidiano. Para tal, alinho-me a Giroux (1997), pois acredito que professores e alunos são intelectuais transformadores, e Miller, Cunha e Allwright (2020), que defendem a ideia de que, para a Prática Exploratória, professores e alunos são aprendizes. A pesquisa está ancorada no viés teórico-metodológico da Prática Exploratória (Miller, 2012) dentro do paradigma da Pesquisa do Praticante. Opto por uma pesquisa qualitativa/interpretativista (Guba; Lincoln, 2006) e autoetnográfica (Ellis; Bochner, 2000). A geração de dados tem sido resultado da minha prática cotidiana de registrar em diários de campo (Hanks, 2017) as produções realizadas por meus alunos, de Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório, Atividades Reflexivas com Potencial Exploratório, Atividades de Colaboração Criativa com Potencial Exploratório e Conversas Exploratórias, já que todas aprofundam os entendimentos sobre os fazeressaberessentires tecidos em nosso cotidiano. Dessa forma, percebo-me como uma professora encantada pelo meu cotidiano escolar e por tudo aquilo que consigo captar. Por isso, o tema dessa pesquisa nasceu da minha vontade de mergulhar nesse cotidiano para, além de perceber e registrar, “ouvir/sentir/cheirar/tocar/provar (e também ver, por que não?)” (Alves, 2015, pp.86 e 87) suas belezas, surpresas, potencialidades. Considero o



caráter cartográfico da pesquisa, pois os processos de nossas coconstruções diárias, transformam nossas experiências em conhecimento (Barros; Kastrup, 2020). Os resultados parciais da pesquisa apontam para três proposições sobre as características dos aprendizes, resumidas por Allwright, em que os aprendizes são: a) capazes de levar o processo de aprendizagem a sério; b) capazes de tomar decisões de forma independente; c) capazes de se desenvolverem como praticantes da aprendizagem (Grupo da Prática Exploratória, 2020).

18. Aproximações e distanciamentos dos discursos e práticas na academia e na escola básica

Bibiana Campos

SME/RJ e UERJ

Isabella Amaral

UERJ

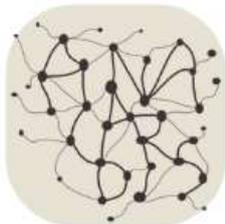
Renato Vicentini

SME/RJ

Raquel Carricondi

SME/RJ

A cartografia é uma perspectiva teórico-metodológica de pesquisa relativamente nova no Brasil e se caracteriza, dentre outras coisas, por acompanhar processos, propor intervenções e valorizar o envolvimento do pesquisador com a sua pesquisa. Na cartografia, o conhecimento é entendido como invenção porque interfere e transforma a realidade. Além disso, mapeia os coletivos de forças moventes e investiga as produções de subjetividades (Passos; Kastrup; Tedesco, 2016). Estudamos essas e outras perspectivas na academia, especialmente em nossas pesquisas de pós-graduação. Entretanto, temos observado que muitos dos que nos interessamos pela cartografia somos professores da educação básica e, ao ingressarmos em cursos de pós-graduação, também queremos aprimorar nossas práticas profissionais. Sendo assim, propomos algumas reflexões a serem discutidas em plenária: i) quais pistas da cartografia podem contribuir para um trabalho de médio/longo prazo (um ano ou mais) com grupos de estudantes do ensino fundamental?; ii) os objetivos curriculares propostos pela Secretaria Municipal de Educação são de alguma maneira compatíveis

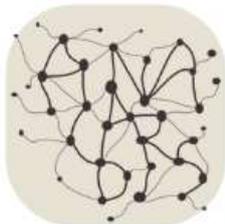


com a perspectiva cartográfica que privilegia acompanhamento de processos em detrimento de resultados preestabelecidos?; iii) há espaço para reflexões sobre enação (Varela, 1980) em escolas que vêm intensificando sua relação de poder como ambiente disciplinador e meritocrático?; iv) quando nossas práticas se aproximam de nossos discursos e quando deles se afastam nas relações que construímos nos nossos ambientes de trabalho?

19.A Literatura como Sismógrafo: Desafiando as Políticas de Esquecimento nos 60 Anos do Golpe Militar

Dara Batista Fernandes
PPG em Psicologia - UFF

O dia 31 de março de 2024 é o dia em que submeto este escrito. Ao olharmos para a história recente brasileira, encontramos nessa data um marco: trata-se dos 60 anos do golpe militar que assolou nosso território por mais de 21 anos. Nesse momento em que vivemos, quando um breve respiro é possível após a ascensão e o declínio de um governo fascista, questões sobre às políticas de memória e esquecimento pululam. Nesse cenário, incitada por indagações que rejeitam palavras de ordem como resposta, conduzo um momento inicial de minha pesquisa de doutoramento. Nesta, dou continuidade à investigação de minha dissertação acerca da interseção entre a literatura e a política no pensamento de Gilles Deleuze. Segundo a acepção deste pensador, tecida conjuntamente ao seu aliado teórico Félix Guattari, apreendemos a literatura como uma força capaz de operar como um sismógrafo que provém matéria de expressão às forças desterritorializadas do presente. Desta forma, a literatura é compreendida enquanto capaz de abalar as searas do poder atualizadas pela língua, incitando desvios à reconhecimento e permitindo à criação de porvires até então impensáveis. Com essa potência, pautada na criação de um plano de sensibilidade que embate a opinião e a representação, questionamos o papel da literatura que versa sobre a violência de Estado no Brasil, em especial, que trata acerca do tema da ditadura militar, na criação de linhas de fugas frente às forças nefastas de nosso tempo presente. Indagamo-nos acerca das subjetivações postas em curso a partir da

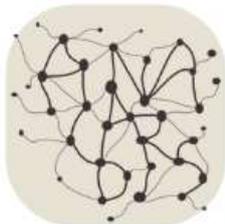


experiência literária, bem como acerca de como tratá-las em um âmbito acadêmico sem perder de vista o que nelas há de singular e inapreensível. Além disso, buscamos investigar o que nesse ato de recontar literariamente o passado, o que ainda está por vir é captado, pondo em cena um paradoxal jogo entre a memória, o esquecimento, o passado, o presente e o porvir.

20. Reflexões sobre o nomear e a nomeação como prática discursiva

Alejandra Judith Josiowicz
UERJ

O presente trabalho constitui uma reflexão sobre o nomear como prática discursiva. Partimos da reflexão de Deleuze e Guattari que afirmam em relação a um livro que ele “não para de atribuir-se os sujeitos aos quais não deixa senão um nome como rastro de uma intensidade” (1995 [2000]: 11). Se um nome não remete exclusivamente a uma identidade (como na carteirinha de identidade), nem se propõe unicamente repor a presença antropocêntrica de uma pessoa humana, de que forma e através de quais especificidades as práticas discursivas de nomeação tornam-se rastros de uma intensidade? Propomos pensar a potência específica da prática discursiva de nomeação, não na direção de uma perspectiva biológica ou antropocêntrica do sujeito-nomeado, mas entendendo a forma como as práticas discursivas de nomeação resultam atraídas, imantadas, afetadas, por relações generificadas, racializadas, e tecnobiodiscursivizadas entre os corpos, de forma tal que, em lugar de repor formas humanas identitárias, as revelam como discursividades processuais (BUTTURI JR, 2023). Refletimos sobre práticas discursivas de nomeação a partir de uma perspectiva discursiva de base enunciativa, considerando as práticas discursivas de modo reflexivo, não como representações do mundo, mas como formas de intervir nele, como dispositivos de produção/alteração do real (DEUSDARÁ; ARANTES; EDUARDO, 2016; ROCHA, 2014, 2022; JOSIOWICZ, DEUSDARÁ, 2022). Resulta produtiva a noção de prática discursiva, que diz respeito à reversibilidade essencial entre as duas faces do discurso, a social e a textual (MAINGENEAU, 2018), de tal modo que a enunciação pressupõe uma certa organização do mundo, ao mesmo tempo em que contribui na sua configuração (ROCHA, 2014). Traçamos uma cartografia de práticas discursivas de nomeação

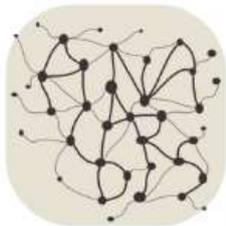


capazes de “dar língua para afetos que pedem passagem” (DEUSDARA, ROCHA, 2021: 202). Pensamos a performatividade das práticas de nomeação não como formas de reposição de presença(s) humana(s), mas como modos de intervenção e afetação. Para tanto, articulamos considerações em torno da produção de subjetividade como processualidade, de Guattari e Rolnik (2000), Simondon (2005), Deusdará e Rocha (2021) e sobre os afetos de Chauí (2011).

21. A literatura na sala de aula de línguas estrangeiras: relações de poder

Luciano Passos Moraes

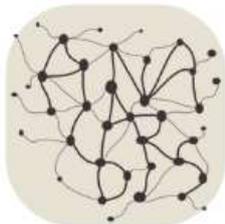
Um dos pontos de encontro dos estudos linguísticos e literários é a língua, vista como ferramenta ou como objeto de estudo e de construção do discurso político. Nos estudos literários que tenho empreendido enquanto professor de língua estrangeira, penso a literatura como espaço político, permeada pelo discurso político, que tem seu conjunto de códigos particular, próprio do literário, mas que em muitos momentos se aproxima do caráter político presente nos estudos linguísticos e na análise do discurso. No entanto, parece haver um distanciamento entre as práticas de ensino de língua e de literatura como se se tratasse de áreas separadas, o que empobrece as possibilidades de diálogo e de produção de conhecimento em ambas as áreas, em especial no contexto do ensino de línguas estrangeiras na educação básica. Proponho, portanto, as seguintes questões: 1) quais as origens dessa cisão entre língua e literatura? 2) quais os benefícios de se aproximar as duas áreas de estudos e favorecer esse diálogo? 3) quais são as possibilidades de aproximação para ampliar o espaço da literatura na sala de aula de língua e 4) como promover esse contato sob o viés das questões de poder, de permanência, de sobrevivência e de respeito à diferença?



22. Cartografia e silenciamento

Francisco das Chagas Costa Lima
SEDUC-PI/ IEMA-MA

Este trabalho destina-se a investigar como se constituem os aspectos identitários dos nordestinos nos livros didáticos de Língua Portuguesa - Multiversos (CAMPOS; ODA, 2020) em volume único e de Língua Espanhola- Cercanía Joven (COIMBRA; CHAVES, 2016) em três volumes. As duas obras foram aprovadas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) em 2020 e 2018, respectivamente, e foram distribuídos aos estudantes de várias escolas públicas brasileiras. Esta pesquisa visa a analisar as incidências do Nordeste e do ser nordestino, bem como o seu apagamento e silenciamento, a partir dos textos e das atividades didáticas que se encontram na composição dos referidos materiais. A investigação problematiza a visão essencialista de identidade e se coaduna à perspectiva segundo a qual a identidade resulta de uma construção social (HALL, 2006). Por conseguinte, atenta-se às mudanças sociais e defende, em consonância com o trabalho de Albuquerque Jr. (2011), que a noção de Nordeste é uma invenção. A pesquisa prioriza, como base teórica, os estudos discursivos de Michel Foucault (1986; 2008; 2014) que concebe o discurso como produto das práticas sociais (FOUCAULT, 2014). Também recorre ao conceito de Semântica Global postulado por Dominique Maingueneau (2008). Além disso, pautamo-nos na perspectiva cartográfica (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009), reconhecendo a importância de mapear sentidos sobre o Nordeste e sobre os nordestinos em livros que são utilizados na escola em que atua o autor deste trabalho: a Unidade Escolar Luís Teixeira cidade de Luzilândia, no Estado do Piauí. Para o estudo dos livros didáticos, também recorreremos a Batista (2009), Choppin (2004), Coracini (2021), Fernandes (2020), Lima (2012) e Silvério (2014). A partir da análise, foram observados os lugares discursivos em que situam o Nordeste e o ser nordestino, suas características identitárias e seus efeitos de sentido.



23. O artefato cultural como construtor de um corpúsculo de análise de discurso

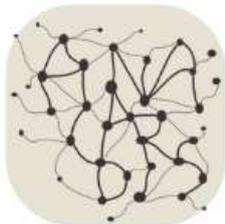
Alini Silva Peixoto
UFMS

Partindo do entendimento de Foucault de que o discurso seriam fragmentos descontínuos de múltiplos elementos discursivos atuando em diversas estratégias e, estes, são produzidos na sociedade e estão ligados ao desejo e ao poder e considerando ainda que um artefato cultural resulta de um processo de construção e vinculação de significados culturais a objetos que constituem de forma material e simbólica uma cultura. Podemos então entender o discurso, presente em diferentes textos culturais – filmes, mídia, obras literárias, imagens, músicas, etc. – como constituintes de artefatos que podem ser analisados a partir do que produzem e constroem em nossas formas de ser, viver, compreender e explicar a realidade, tornando-se uma forma de compor um corpúsculo de análise.

24. Atravessamentos do campo: olhares e subjetividades

Giovanna Nogueira Santos
Giulia Lopes Guimarães Soria
UFRJ

O grupo de pesquisa sobre Coletivos Estudantis da UFRJ, do qual participamos, tem realizado um trabalho alinhado à lógica da Cartografia, mapeando as articulações dos coletivos que circulam e ocupam o espaço universitário. Em recentes aproximações em formato de rodas de conversa com coletivos de mulheres e de estudantes negros, percebemos os afetamentos em nós enquanto pesquisadoras. Somos duas estudantes da graduação, uma mulher branca e uma mulher negra. E, ao entrar em contato com a composição de lutas, violências, sentimentos e reflexões das integrantes dos coletivos com os quais conversamos sobre um ambiente que também nos proporciona experiências similares, nos vemos em alguns impasses. Das dificuldades compartilhadas por nós, ao contrário do afastamento de sujeito e objeto, encontramos intimamente imersas no campo de forças que mexe com as integrantes dos coletivos e nos questionamos: — Como separar as experiências



compartilhadas pelos participantes de nossas vivências como mulheres e/ou pessoas negras na universidade? Entendemos a necessidade da suspensão de certezas antes, durante e após o adentrar no campo tanto quanto a não neutralidade, tendo em vista as vivências que nos guiaram até a pesquisa, e a intervenção realizada a partir do contato entre pesquisadoras e entrevistadas. Porém, a dúvida surge no pensamento de escrita formal da pesquisa, já que a universidade demanda estruturas e prazos. — Como, em um contexto que atravessa nossos sofrimentos, podemos dissolver nosso ponto de vista (Passos; Eirado, 2015) e nos apresentar como entrevistadoras e não como entrevistadas? Ainda compreendendo a fundamental abertura para a implicação, por vezes, andamos na linha tênue entre tomar o protagonismo, mudando nossa atenção cartográfica, e reconhecer a nós mesmas na fala das entrevistadas de forma respeitosa. Apesar da super identificação com o tema, temos em mente que a única forma de conhecer é o cuidado, por isso precisamos manter nossa transparência quanto a ética de pesquisa, de quem somos, o que estamos fazendo e o porquê. Ainda assim, tememos o condicionamento das respostas pelo peso da representação do imaginário social do que significa “ser pesquisadora”. Por mais que estejamos todas, entrevistadas e pesquisadoras, na graduação e exista compreensão entre nós, há um certo afastamento por não sermos pares e estarmos em uma posição diferente.

25. Deslocamentos conceituais e produção de córpus para uma cartografia da noção de "raça" em processos de criminalização no Brasil

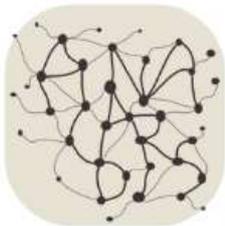
Juliana Ribeiro Azevedo

Cefet/RJ

Roberta Calixto

UERJ

Esta proposta, ainda em estágio inicial, propõe articular os objetivos e conceitos de duas diferentes pesquisas. No entrecruzamento entre uma pesquisa que se debruça sobre os documentos orientadores das escolas cívico-militares na contemporaneidade e outra que mobiliza as criminalizações e perseguições às práticas de curandeirismo no Rio de Janeiro no começo do século XX, deparamo-nos com os diferentes modos como o conceito de “raça” pode ser articulado em diferentes processos de subjetivação e por

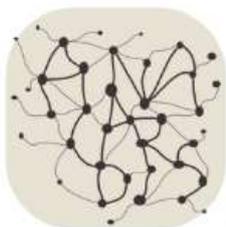


meio de diferentes gêneros discursivos. No caso deste estudo, traçamos pontos comuns a partir da noção de discursos constituintes (MAINGUENEAU, 2016) e de sua relação com a produção de verdades. A seletividade do sistema punitivo estatal, entendida como uma espécie de “preferência” pela incidência do poder punitivo sobre determinados indivíduos considerados desviantes, vem sendo discutida desde meados do século passado (SUTHERLAND, 2015; BECKER, 2008). No Brasil, Batista (2003) realiza uma genealogia dessa seletividade, demonstrando sua construção sobre pessoas negras desde a abolição até os dias atuais. Nos propomos então, a retornar ao período pós-abolição para analisar discursos circulantes entre os anos 1890 a 1920 na cidade do Rio de Janeiro e, paralelamente, aqueles produzidos durante o governo de Jair Bolsonaro acerca do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. Tendo no horizonte a perspectiva metodológica que parte do “saber fazer ao fazer saber” (KASTRUP; PASSOS, ESCÓSSIA, 2010), buscamos deslocamentos conceituais e elementos para a construção de corpúscos que deem consistência ou sejam capazes de refutar a percepção das pesquisadoras de que as práticas discursivas do pós-abolição se atualizam nas práticas discursivas de militarização do cotidiano escolar de jovens negros e periféricos da atualidade.

26. “Linguagem acadêmica” e pesquisa cartográfica: a “ciência” em disputa

Juliana Ribeiro Azevedo
Cefet/RJ

A proposta que ora submeto ao debate tem sua origem em uma experiência particular, mas que também alcança e ou pode alcançar demais colegas que se debruçam sobre a abordagem cartográfica na pesquisa acadêmica e buscam colocação profissional nas instituições de ensino: qual a linguagem adequada a um/a acadêmico/a? Recentemente, fui candidata a um concurso público para vaga de docente em departamento na área das ciências humanas de uma universidade pública. Realizei a prova escrita, apresentando os conceitos envolvidos no ponto sorteado e utilizando a linguagem cartográfica com a qual venho trabalhando há muitos anos e que está presente timidamente em minha dissertação de mestrado em direito e, integralmente, em minha tese de doutorado em linguística. O concurso previa uma sessão para leitura dos pareceres dos membros da

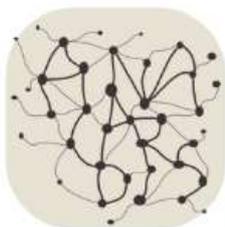


banca acerca da prova de cada um/a dos/das candidatos/as. Minha prova foi considerada reprovada – a despeito do reconhecimento dos membros da banca quanto à correção conceitual desenvolvida – com notas muito baixas, sob o principal argumento de que eu não teria utilizado “linguagem acadêmica” em minha construção. Eu escrevi “cartograficamente”. Não assumi o ponto de vista do observador externo, alheio ao “objeto” de sua investigação. Ao contrário, demonstrei minha implicação com o tema proposto e discuti, a partir da lógica do acompanhamento de processos, as questões e os impasses que o problema colocava. Diante dessa experiência foi que considerei relevante trazer ao debate deste simpósio sobre cartografia e estudos discursivos questionamento e reflexão acerca daquilo que vimos considerando como “linguagem acadêmica”, mesmo nos meios de produção de conhecimento identificados com as humanidades. Como validar nosso trabalho cartográfico, quando as exigências concretas do “mercado de trabalho” são de uma pretensão à objetividade cartesiana? Por outro lado, como produzir linhas de fuga dessa lógica, que permitam a construção de novas formas não só de investigação, mas de elaboração discursiva daquilo que investigamos dentro dos espaços institucionais e acadêmicos oficiais?

27. Sentidos do silêncio em Djamila Ribeiro: o não-dito que diz

Ana Cristina Andrade dos Santos
UERJ

Este trabalho parte de uma perspectiva discursiva antirracista, decolonial, interseccional, feminista, com o objetivo de estudar as práticas discursivas que giram em torno dos sentidos do silêncio analisados em alguns textos da intelectual negra Djamila Ribeiro, a qual, dentre outras propostas, diz que “pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade” (Ribeiro, 2017). O conceito de silêncio utilizado reflete na junção do dito e do não-dito que diz, que aponta para uma memória (interdiscurso) que se insere nos modos de dizer da intelectual Djamila Ribeiro. Dessa forma, a teorização do silêncio remete às opressões sofridas pela população negra no Brasil, em especial pelas mulheres negras, que configuraram uma relação de poder, de disputa, que perpassa



e tensiona nossas relações até hoje. Falar sobre os sentidos do silêncio, para Djamila Ribeiro, constitui um tema que norteia o pensamento de muitas feministas negras (...). É a importância de romper com um regime de autorização discursiva que nos cala, hierarquiza a humanidade, nos põe na condição de outro do humano, aquela que não é pensada a partir de si, mas sempre pelo olhar de quem a define” (Ribeiro, 2019). A intelectual reivindica o direito à voz, à existência, já que, para ela, “silêncio (...) é entendido como forma de silenciar existências ou confiná-las a lugares marcados, subalternizados, fixos” (Ribeiro, 2019), o que vai ao encontro do pensamento da pesquisadora Eni Orlandi, quando diz que “(...) há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido (...)” (2007, p. 11), ou seja, o silêncio não é só visto como vazio, mas como forma de criação de sentido. A perspectiva metodológica é a análise discursiva de base enunciativa, com metodologia qualitativa, e o corpúsculo analisado serão as obras de Djamila Ribeiro “Lugar de fala” (2017); “Quem tem medo do feminismo negro?” (2018); “Cartas para minha avó” (2021) e o texto “Eu me arrependo dos meus silêncios” (2019). Em conclusão, pensamos na importância de Djamila Ribeiro como uma mulher negra e intelectual do sul global que se coloca como enunciativa, que traz o silêncio da mulher negra para ser pensado como objeto de reflexão, inclusive para causar um efeito de memória discursiva, estabelecendo relações entre o passado e o presente do racismo e do sexismo no Brasil e na América Latina.

28. Novas cartografias, contracartografias, e grafias desejanter

Ana Carolina dos Santos Barbosa

IAp/CAp UERJ

Ana Cláudia Giordani

UFF

Andressa Elisa Lacerda

IAp/CAp UERJ

Daniela Seixas

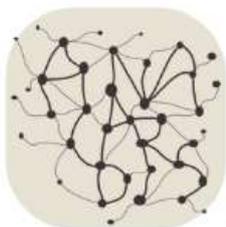
IAp/CAp UERJ

Bronzi Rocha

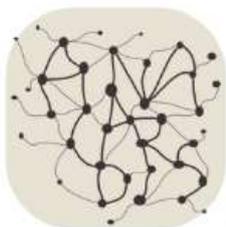
UFF

Débora Schardosin Ferreira

UERJ



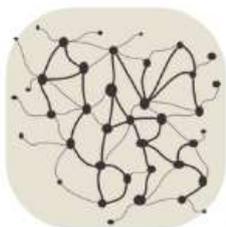
A Geografia encontra na sua concepção a proposta e o desejo de mapear. A forma como foi e é ensinada se transformou, principalmente em relação aos processos com os quais se depara e enfrenta na realidade contemporânea. Dependendo de onde fala, para quem se fala, surgem novos ativismos, novos mapas, novas grafias e também contracartografias. Assim, um dos caminhos tem sido repensar as cartografias clássicas na procura por desconstruir uma cartografia marcada por epistemologias coloniais. Isso porque compreende-se que nestas propostas as concepções estão pautadas em discursos hierarquizantes, desiguais e centrados em um movimento em que não cabe mais como re(a)presentação das Geografias, já que procura-se um diálogo com as demais ciências e campos que também questionam estas perspectivas. Ao partir da premissa dessa renovação e de pistas em percursos realizados com alguns trabalhos no encontro da Geografia com a Arte, podemos pensar outros desenhos cartográficos, representativos de procedimentos metodológicos implicados e posicionados, através dos quais nos colocamos no mundo e nos mapas. Para isso, partimos de diálogos entre corporalidades marcadas, existências que movem seus lugares e contextos através das interseccionalidades (gênero, sexualidades, raça) que constroem tanto trajetórias quanto locais de segurança/afeto ou medos e violências. Cartografia da fala, cartografia de escuta, cartografia através de dispositivos pedagógicos do cinema, são algumas construções realizadas para pensar possibilidades que levem em conta os diversos sentidos dos corpos, da memória e das percepções de espaço e lugar. Desta forma, a plenária terá o intuito de reunir a Cartografia social, ativismos cartográficos, contracartografias, novas cartografias e a cartografia enquanto processo que movimenta e modifica os discursos reconstruindo modos de perceber e estar. Para este fim serão apresentadas possibilidades baseadas em pesquisas acadêmicas recentes das/dos proponentes que em distintos tempos e espaços com suas múltiplas trajetórias em devir a percebem como intervenção social.



29. O Relativismo Linguístico a partir do diálogo entre a Linguística Cognitiva e a Análise do Discurso Crítica: discutindo a inter-relação entre o linguístico, o mental e o social

**Gabriel Ourique de Andrade
Roberto Teixeira de Aguiar Junior
UERJ**

A presente proposta busca estabelecer um debate entre as possíveis lacunas teórico-metodológicas de duas vertentes de estudos linguísticos – a Análise do Discurso Crítica e a Linguística Cognitiva – a fim de promover uma integração que supra as necessidades investigativas de nosso uso da linguagem e de suas consequências no plano social concreto. O impasse das aproximações não é recente, visto que, pela virada social que marca os novos caminhos da Linguística Cognitiva, os estudos da cognição começam a buscar um aliado nas teorias sociais que utilizam a linguagem como aporte material, tendo, como Black (2014), encontrado auxílio na Análise do Discurso Crítica. Contudo, as análises socioculturais através da linguagem e dos compromissos cognitivos continuam, segundo Croft (2009), presas ao estatuto mental subjetivo do indivíduo, encontrando, pois, resistência para tratar cognitivamente do aspecto social. De outro lado, a Análise do Discurso Crítica tenciona que a linguagem está simbioticamente ligada ao social, colocando, pois, ênfase na forma como as ações e as estruturas sociais – e suas ideologias – são intermediadas pelo papel da linguagem; como teoria, ela especifica que a linguagem tanto constitui a ação social como é formada por ela. Ademais, a Análise do Discurso Crítica entende que as ideologias, para serem eficazes, delimitam uma formação tanto social como mental, posto que a ideologia constitui a associação mental que guia as formações de sentido e as ações no plano concreto (Van Dijk, 2004). Desse modo, um estudo do mental e de sua relação com o social e o linguístico não está longe das pretensões da Análise do Discurso Crítica – embora ela não possua um aporte teórico capaz de resolver, de forma plena, esse impasse dentro de sua área –, tornando, pois, viável a sua aproximação com a Linguística Cognitiva. Por conseguinte, para que fosse possível demonstrar o salto qualitativo que esta coalizão poderá realizar, tomamos como ponto basilar a hipótese do Relativismo Linguístico, pois, como evidenciado pela trajetória deste conceito, a sua investigação se encontra acoplada na inter-relação de três



elementos: o linguístico, o mental e o social. Tais pontos se encontram, conforme demonstraremos, na superfície ou nas profundezas de ambas as teorias, tornando-se, portanto, o elemento coesivo para a suplementação aventada. Sendo assim, o debate aqui proposto gira ao redor de uma discussão tanto teórica quanto metodológica, pois, sendo necessário repensar o quadro teórico das duas teorias, as suas formas de investigação do objeto também necessitam, segundo pensamos, sofrer uma reorientação a fim de melhor entendermos as nuances sociais que marcam as distintas facetas materiais da linguagem.

30. Percursos e percalços da pesquisa acadêmica: a mobilização de caminhos e desafios da escrita cartográfica

Evânia Maria Ferreira do Nascimento

Colégio Pedro II

Luísa Perissé Nunes da Silva

UERJ

Tomando como ponto de partida a pergunta: “O que torna difícil e, muitas vezes, penoso, escrever um trabalho acadêmico?” (Deusdará e Rocha, 2021, p. 353), pretendemos trazer para a cena deste debate questões que consideramos nevrálgicas para todo pesquisador, em especial, para nós, pesquisadoras-cartógrafas em construção, inseridas no campo das ciências sociais, imbricadas com nossos objetos de estudo e motivadas pelo desejo de que nossas pesquisas não sejam simplesmente “reconhecidas” no meio acadêmico, mas que possam, de fato, fazer alguma diferença em nosso meio social, promovendo e oportunizando “devires capazes de promover vida” (Deusdará e Rocha, 2021, p. 364). Nesse sentido, com base nos estudos cartográficos, pretendemos problematizar e discutir os desafios que encontramos em nossas pesquisas a partir das seguintes questões: (a) onde repousamos nossa atenção como cartógrafas? (b) qual ponto de vista assumimos como observadoras do nosso objeto de estudo? (c) como organizar e analisar o cópuz que reunimos? (d) como vencer a inércia diante da folha em branco e assumir a escrita como ato de resistência? Levando em consideração as teses “Cartografias dos saberes em disputa, trabalho docente e BNCC em materiais didáticos de grandes redes de ensino” (defendida em agosto de 2023) e “Cartografias de Camila O’Gorman: a construção da

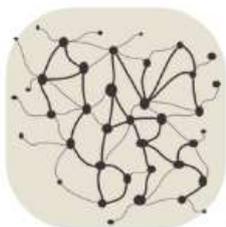
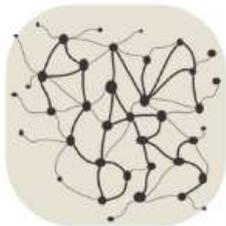


imagem de um mito histórico feminino” (a ser defendida em março de 2025), ambas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, visamos analisar como tais questões se apresentam nas duas pesquisas e como os quatro pontos se articulam e transpassam os dois trabalhos, produzindo efeitos de interlocução que ressoarão em pesquisas produzidas no presente e no futuro, de modo a contribuir para a reflexão de que a pesquisa acadêmica não é um produto final, hermético e fechado em si mesmo, mas um processo de produção e construção gradual e processual de si e do mundo.

31. Perspectiva cartográfico-discursiva e os desafios impostos à linearidade da escrita

Alice Moraes Rego de Souza
CAp-UERJ

Vivemos num contexto no qual enunciados se produzem em condições multiformes, tanto em relação aos sujeitos e instituições implicados e a diversidade de seus posicionamentos, quanto a respeito dos modos de produção e circulação desses enunciados, tendo em vista, por exemplo, as relações complexas estabelecidas com o uso das tecnologias e mídias sociais. Não raro, nesse contexto, observamos a constituição de tensionamentos que rotulam práticas discursivas e não discursivas pautados em dualidades simplistas – como a recente polarização “bolsominions” x “esquerdopatas” – que, ao fim e ao cabo, estão muito aquém das complexidades instituídas nesse cenário. Frente a tal cenário, entendo que as aproximações entre estudos do discurso e cartografia contribuem para o desenvolvimento de um olhar mais crítico para tal conjuntura, considerando suas modulações, para além dos reducionismos, tomando como referência a perspectiva rizomática, não hierarquizante. Em minha pesquisa doutoral, busquei me unir a essa empreitada, com foco na cartografia de conflitos discursivos participantes do processo de construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Com essa pesquisa foi possível mapear alguns desses reducionismos – como o clássico “educação de qualidade” –, compreendendo que eles invisibilizam complexas relações entre sujeitos e instituições (públicas e privadas) que conformam dispositivos produtores de subjetividades, por

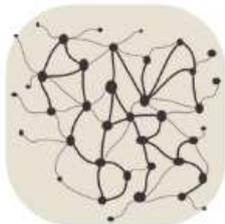


meio de políticas curriculares. No entanto, o emaranhado de relações que constituiu tal processo (tanto o de construção da BNCC, como o próprio desenvolvimento da investigação), impôs alguns desafios ao referido estudo que se relacionavam com a natureza do registro escrito, afinal, somente pela linearidade da escrita, podemos explorar as relações rizomáticas e suas modulações? Na ocasião da investigação a que ora me refiro, recorri à construção de um infográfico com o objetivo de, também a partir desse texto multimodal, dimensionar a complexidade do mapa de relações instituídas no processo de construção da BNCC. Considerando tal panorama, pretendo compartilhar com a plenária o referido infográfico, com vistas a refletir sobre suas potencialidades e limitações no âmbito da pesquisa realizada e, partindo dessa experiência, desejo fomentar as seguintes discussões: as condições inerentes à linearidade do registro escrito e ao rigor da escrita acadêmica são suficientes para o tipo de pesquisa que temos visado construir? A perspectiva cartográfico-discursiva nos desafiar a encontrar estratégias teórico-metodológico-analíticas que superem a referida linearidade da escrita para lidar com as relações rizomáticas? Pondero, finalmente, que essa discussão também possa fomentar a produção de meios de fazer circular os resultados de nossos estudos, para além do ambiente acadêmico.

32.O feminino como sujeito do fazer pedagógico e alvo da opressão de gênero: uma cartografia das práticas patriarcais de linguagem presentes no ambiente escolar

Marcela Maria Almeida Silva
Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal
UERJ

O ambiente de trabalho pode ser, por vezes, desconfortável do ponto de vista das relações que se estabelecem e que se fazem necessárias nesses ambientes. Indissociáveis dessas relações, encontram-se as práticas discursivas utilizadas diariamente durante o período de labor. Em não raras ocasiões, as referidas relações se constituem por sobreposição e apagamento dos gêneros femininos, ainda que o feminino seja o sujeito em posição elevada na hierarquia de cargos desses ambientes. Em outras palavras, mesmo que o ambiente escolar seja aquele que, por tradição,

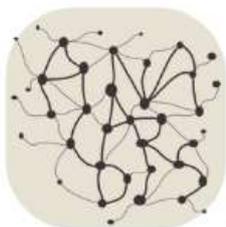


mais congrega mulheres, ainda assim, há práticas de linguagem e dispositivos que se constituem como discursos de exclusão dessas mesmas mulheres. Enquanto mulheres educadoras, nos propomos a cartografar, a partir das enunciações diárias com as quais lidamos, a reprodução de preconceitos e distinções que cumprem, simbolicamente, um novo propósito de reorganização e hierarquização dos sujeitos interactantes, a partir da ótica patriarcal. Nesse sentido, as relações de poder, com vistas à sobreposição de gêneros, corroboram tais práticas (Deusdará, B. & Rocha, M. L., 2012). Desse modo, é possível dizer que o espaço escolar, como espaço repleto de sujeitos com crenças simbólicas, é, ao mesmo tempo, locus de grande tradição social e reprodutor de dispositivos de exclusão, controle e hierarquização constantes, com os quais sujeitos femininos são obrigados a lidar diariamente nas relações que se estabelecem a partir desses ambientes. Assim, este trabalho procurará apresentar um esboço de cartografia do ambiente escolar, tendo como foco prioritário analisar os discursos que atravessam o corpo feminino cotidianamente, sob o ponto de vista do trabalho docente. Para levar a termo tal objetivo, serão apresentadas observações feitas a partir de entrevistas anônimas, as quais foram realizadas com o intuito de evidenciar as práticas de linguagem e dispositivos promotores da mencionada hierarquização patriarcal dos sujeitos atuantes no espaço escolar.

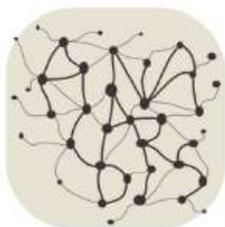
33. Os desafios e obstáculos em pesquisas de mangás no campo dos estudos culturais, especialmente quando consideradas sob uma perspectiva decolonial

Raphael Freires Pessoa
UERJ

A presente proposta de plenária surge da necessidade de abordar questões emergentes e desafios enfrentados na condução de pesquisas no campo dos estudos culturais, especialmente quando consideradas sob uma perspectiva decolonial. O objetivo primordial desta plenária é fomentar um debate profundo sobre as investigações que se concentram na análise de suportes culturais específicos, como o mangá, histórias em quadrinhos japonesas, bem como seu impacto nas esferas social, cultural e discursiva. Além disso, é também objetivo analisar como elementos do referencial teórico do método cartográfico de pesquisa podem ser observados no



decorrer de uma pesquisa. Na capitania de um estudo no segmento supracitado, o corpus escolhido foi a obra japonesa One Piece, por sua circulação, consumo e relevância mundiais, especialmente em decorrência de movimentos de globalização, mundialização e Soft Power. A concepção dessa iniciativa decorre da identificação de obstáculos e questionamentos durante o desenvolvimento da pesquisa de dissertação pelo proponente, como levantamento teórico, análise e cruzamento de estudos e teoria, além da confecção do corpo de texto da dissertação. Inicialmente, a idealização de pesquisa possuía um foco que recaía sobre aspectos pedagógicos associados à incorporação de tecnologias no processo de ensino e aprendizado da língua inglesa como língua adicional. Contudo, à medida que a investigação progredia e a análise dos suportes tecnológicos se aprofundava, ocorreu uma significativa reorientação quanto ao escopo da pesquisa. Esse deslocamento substancial resultou na mudança no método teórico a ser seguido na investigação, assim como nas perspectivas e nos objetivos relacionados, culminando na escolha de analisar mangás, quadrinhos japoneses, como objeto de estudo, na seara dos estudos culturais, assim como suas reverberações culturais, sociais e discursivas. Durante esse processo, uma série de questionamentos e inferências foram formulados e consolidados, destacando as naturezas dinâmica, interativa, dialética e intervencionista do trabalho científico. Esses questionamentos e inferências não apenas fundamentam a proposta desta plenária, mas também constituem elementos essenciais para a ampliação do conhecimento no campo das pesquisas linguísticas e culturais. Ao promover um espaço de reflexão crítica e intercâmbio acadêmico, a plenária visa estimular o avanço teórico e metodológico nesse domínio, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das interseções em pesquisas que abordem linguagem, cultura, sociedade e tecnologia.



34. Professores-cartógrafos: práticas de pesquisa e intervenção na Educação Básica

Del Carmen Daher

UFF, CNPq

Dayala Paiva de Medeiros Vargens

UFF

Ana Patricia Rosinek

Posling UFF/ bolsista Capes

Lidiane dos Santos Oliveira

Cefet-RJ/Posling UFF

Thaís Vale Rosa Pereira

SEEDUC-RJ / SEJIN-Angra do Reis / Posling UFF / bolsista Capes

Samantha Hoehr Appel Patricio

UFF

Samara Lussac Kiperman

FAETEC - RJ/ SME-Duque de Caxias

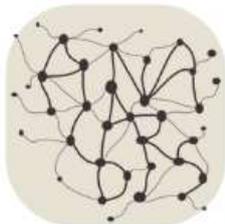
Patrícia Aguiar Nunes Cordeiro

UFF

Leila dos Santos Nogueira

IFRJ

Esta proposta resulta de trabalho coletivo desenvolvido por docentes e discentes do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, no âmbito do grupo de pesquisa “Práticas de linguagem, trabalho e formação docente” (GRPesq-UFF-CNPq). O foco desta proposta recai sobre os deslocamentos teóricos e metodológicos empreendidos pelo professor-cartógrafo que, tendo como base os estudos discursivos, busca diálogos com outras áreas do saber. Pautado em conceitos como o de primado do interdiscurso e práticas discursivas, recorre a diversos dispositivos e noções, buscando entender funcionamentos de processos discursivos que se atualizam nas materialidades linguísticas e em diálogo com conceitos da Filosofia da Diferença, da Educação e das Ciências do Trabalho. A motivação pelo debate acerca da Educação Básica, e, especialmente, sobre as tentativas de ingerência dos interesses privados nas instituições públicas via análise das práticas discursivas é um eixo condutor fundamental dos trabalhos desenvolvidos pelos integrantes do GRPesq. Formado por professores, majoritariamente com formação em Letras e atuantes em diferentes níveis de escolaridade da Educação Pública, o GRPesq se alinha à proposta do uso da linguagem como intervenção social. Seguindo essa perspectiva, as ações desenvolvidas nas pesquisas não são vistas como ações alheias aos sujeitos e aos



contextos educacionais em que se inserem, mas, ao contrário, buscam impulsionar transformações sociais, ainda que muitas vezes no plano micro. Implicados ético e politicamente de diversas maneiras com a escola pública e assumindo o papel de professores-cartógrafos, objetivamos mapear e analisar as disputas que se instituem nos discursos que atravessam o campo educacional visando instituir práticas de resistência à lógica neoliberal que concebe a educação como mercadoria.

35. Dilemas cartográficos: o movimento de (re)pensar teoria e prática(s)

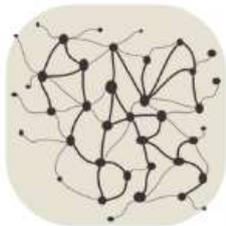
Nicole Silva Stallivieri
UERJ

A cartografia como pesquisa-intervenção (Passos, Kastrup, Escossia, 2009) acompanha processos que partem da experiência do pesquisador e de um olhar dotado de implicações que reverberam no próprio objeto de análise. Esse percurso é feito a partir de um coletivo de forças que acredita na potência das trocas e do fazer e refazer constantemente. Por isso, considero importante para debate i) questões sobre a possibilidade de um processo cartográfico na elaboração de materiais didáticos para educação básica e como definir dispositivos de análise ii) a importância do contexto na produção de efeitos de sentido nos discursos produzidos a partir da análise cartográfica iii) o desafio do pesquisador em cartografar um processo que está em constante alteração iv) o desafio da ruptura com um modelo clássico de fazer pesquisa e a aceitação no meio acadêmico v) os desafios de fazer parte de uma realidade profissional, já que nossas experiências nos levam ao nosso objeto de pesquisa, ao mesmo tempo, questionar criticamente os mecanismos que fazem parte desse cenário.

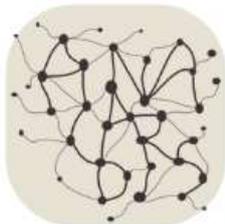
36. A complexidade do trabalho docente e seus desafios na contemporaneidade

Laryssa Victoriano de Gouvêa
UFMG

É comum ouvirmos que a escola está em crise, este é um problema que está para além de objetos e métodos técnicos, ou até mesmo o surgimento das novas



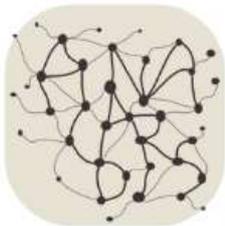
tecnologias. Não podemos desassociar os dilemas docentes dos contextos socioculturais em que estamos imbuídos. Conforme Candau (2014), os impasses das escolas se situam em um nível mais profundo, questionando o próprio modelo de sociedade em que se situa, marcados pela modernidade em questão e a emergência de novos modelos de sociedades e sujeitos. Assim, com novos alunos, novos cenários político-culturais, questiona-se qual o papel do professor diante de toda essa complexidade do universo. É papel do professor tentar solucionar todos os problemas que interferem na docência, incluindo as adversidades extraescolares? De acordo com Tedesco e Fanfani (2004), são as novas demandas das políticas educacionais, que convivem com contextos e cotidianos escolares nos quais é difícil colocar em prática um trabalho mais comprometido, cooperativo e menos burocrático. Por fim, há ainda as dificuldades relativas à clareza entre o professorado da especificidade do trabalho docente, em um contexto de grandes expectativas sociais e políticas a respeito do papel da escola e do professor. Em suma, o trabalho docente, atualmente, encarrega-se de um papel que é além da função do professor, assumem novos ofícios. Com base em todos os desafios educacionais apresentados, é importante destacar que nenhum deles impede alguns indivíduos de optarem pelas licenciaturas, ainda que esses problemas sejam bastante divulgados e de conhecimento. Então a hipótese é que, embora conheça os problemas relacionados à docência, o sujeito a escolheria por estar inserido em um discurso que o levariam a crer que com ele será diferente. Entretanto, ao obter a certificação para exercer a função de professor, ao desempenhar efetivamente a profissão, o sujeito passaria a um assujeitamento ideológico que o levaria a uma outra ordem discursiva e a inserir-se no discurso queixoso dos professores. Desse modo, conforme UYENI (2006) esse assujeitamento ideológico consiste em fazer com que cada indivíduo seja levado a ocupar seu lugar e a se identificar com grupos ou classes de uma determinada formação social, sem que tenha consciência sobre esse assujeitamento, tendo, ao contrário, a ilusão de que é o dono de suas vontades. Daí as questões que norteiam a pesquisa em tela: por que mediante a tantos desafios ainda escolhemos as licenciaturas? Há de fato um assujeitamento ideológico? Que outros afetos esses encontros produzem?



37.A Burocracia Que Nos Move: Um deslocamento de processo

Barbara Christiane Campos Oliveira
UERJ

Esta proposta nasce a partir de questionamentos enfrentados no percurso de pesquisa e de escrita da minha dissertação de mestrado, defendida em 2023. Durante o desenvolvimento do trabalho, fui implicada no deslocamento do meu processo, pois inicialmente pretendia fazer entrevistas com pessoas privadas de sua liberdade, o que, infelizmente, não foi possível, tendo em vista que o processo de abertura de pesquisa nesta instituição está implicado num outro processo de assujeitamento, em que o pesquisador vê-se obrigado a submeter-se desde a investigação de antecedentes criminais a comprovação da sua idoneidade moral, conforme relatado na Resolução 671 de 2017 no artigo 4º em seu parágrafo único. Cabe ressaltar que, embora ocupe o cargo de policial penal e trabalhe no Centro de Estudos e Pesquisa, o meu processo de pesquisa seguiria o mesmo trâmite via SEI, seguindo as normativas conforme Resolução 671, que normatiza os procedimentos de pesquisa na Secretaria de Estado de Administração Penitenciária. Além disso, as entrevistas com as pessoas presas deverão ser submetidas à autorização do juiz da Vara de Execuções Penais, através de requerimento realizado de forma presencial pelo pesquisador junto à própria Vara, o que dificulta ainda mais o trabalho do pesquisador, pois, além do comparecimento presencial e da abertura de processo de solicitação, esse procedimento deve ser realizado em outra plataforma, SEEU, na qual a SEAP não possui nenhuma ingerência para o acompanhamento de autorização e de informação posterior ao pesquisador, o que causa um hiato burocrático entre duas instituições que deveriam viabilizar um mesmo lugar que possibilitasse ao pesquisador, de forma integrada, acessar a uma única plataforma, restabelecendo assim o canal de comunicação. Portanto, cabe-nos questionar: como é possível cartografar os espaços públicos-“privados” na condição de pesquisador das práticas discursivas (Maingueneau, 1997) e tentar garantir equidade entre a população, se há um forte impedimento para essas pesquisas? A partir disso, encontrei nas Pistas do Método da Cartografia (Escossia; Passos; Kastrup, 2020) a possibilidade de acompanhar processos e romper com a forma instituída de se fazer pesquisa, em que a pista 8, Por Uma Política da Narratividade,

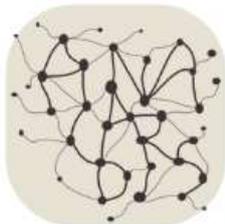


assim como a pista 3, Cartografar é Acompanhar Processos, foram utilizadas na tentativa de responder as inquietudes do meu campo de pesquisa, bem como a Análise Cartográfica do Discurso (Deusdará; Rocha, 2021) permitiu-me romper a rede rizomática na rota de fuga misturando a voz da pesquisadora com a voz da profissional.

38. Relações fronteiriças: uma análise cartográfica da revolta de Mucajá

Lethicia Roberta Barros Gonçalves
UERJ

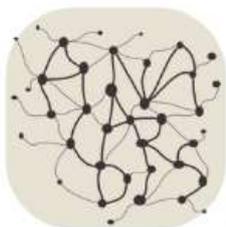
Descrever o processo, isso funda a ideia central da análise cartográfica do discurso. O cartógrafo, dessa forma, entende a necessidade de pensar a pesquisa e como é a melhor forma de materializá-la no texto. Dessa maneira, como principal suporte teórico para este trabalho adotaremos o livro *Pistas do Método Cartográfico: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. O resultado é a possibilidade de entrelaçar narrativamente teoria e prática, apresentando a potência desse método, e, também, os conceitos de corpo sem órgãos e esquizoanálise, de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992), presentes no platô 6 *Como criar para si um Corpo sem Órgãos?* do livro *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2* (1980). A cartografia é um processo que se move, e, diante desse cenário, objetivamos apresentar os efeitos de sentido produzidos pelo corpo do sujeito refugiado investido de sentidos no funcionamento social, e, assim, pretendendo compreender os mecanismos e os modos de como esse sujeito se relaciona no mundo, e, também, como é dada essa recepção, ou seja, se ocorre efetivamente o acolhimento. Com objetivo de discutir as dimensões epistemológicas das relações fronteiriças em conformidade com a Análise do Cartográfica Discurso, empreendemos uma reflexão acerca das acepções do termo fronteira, e partir do estudo empreendido, ressaltamos que as relações fronteiriças podem trazer contribuições substanciais para o campo Análise Cartográfica do Discurso, uma vez que é possível ampliar posicionamentos, e dinamizar interpretações, evitando abordagens redutoras e dissociadas da engrenagem social.



39. Perseguindo o que se oculta: a dificuldade em cartografar a ideia de Inovação na BNCC.

**Pedro Gabriel da Rosa Leandro
Jenifer Marina Felix Gonçalves**
UERJ

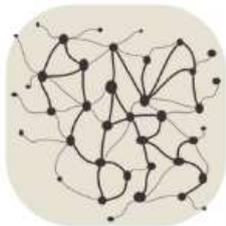
O termo "inovação" prolifera em diversos âmbitos, inclusive no campo educacional. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador da educação brasileira, incorpora essa palavra com frequência, mas quais os efeitos de sentido produzidos no texto e que pretendem fazerem-se produzidos no contexto escolar? Nossa escolha pelo espaço escolar está vinculada ao fato de os cursos de licenciatura objetivarem a formação de profissionais que atuarão em sala de aula e, por conseguinte, estarão submetidos à BNCC, em sua atuação. A Base Comum apresenta a "inovação" como um dos princípios norteadores da educação básica brasileira. Por essa razão, nossas buscas centram-se na ideia de inovação, por meio do vocábulo propriamente dito e seus correlatos, uma vez que visamos compreender como essa demanda constante por inovação constrói o currículo e, por conseguinte, o modo de agir e estar no mundo de estudantes e docentes de todo o país. Por neoliberalismo entendemos não apenas o modo capitalista de produção em sua modalidade tardia, mas a produção e gerenciamento de sofrimento psíquico. Vemos no neoliberalismo essa produção desejante em direcionamento à mais-produção. O documento aspira a formar alunos "inovadores", capazes de "resolver problemas de forma criativa e inovadora" e de "protagonizar a sua aprendizagem". No entanto, a BNCC não define explicitamente o que significa "inovação" no contexto escolar. Isso se apresenta como uma dificuldade em nossa pesquisa, porque parece que estamos tentando traçar e perseguir um conceito – e outros elementos que parecem compor o mesmo campo semântico – que se esconde.



40. Produção de subjetividade e materialidade discursiva em comentários racializados no Instagram

Nathália Basil
UFF

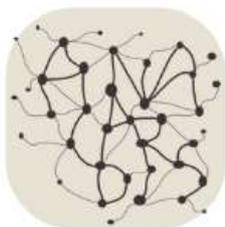
O Brasil é o terceiro país no mundo que mais consome redes sociais, segundo pesquisa da Comscore, divulgada no primeiro semestre de 2023. Entre elas, o Instagram figura como um dos canais onde a população brasileira passa mais tempo, construindo, a partir do consumo de conteúdos, um campo discursivo vasto e repleto de interações em constante transformação. Nesse contexto, d'Andréa, Melgaço e Firmino (2016), jogam luz sobre uma nova camada de conexões, onde respostas e curtidas em comentários podem ser compreendidas como indícios de agência e translação de actantes. Partindo do conceito de intervenção da linguagem (Rocha, 2006), esta apresentação busca problematizar a presença, nas redes sociais, de pessoas negras racializando discursos de grandes marcas e abrindo novos debates, através de comentários e curtidas de usuários e usuárias. Para articular com essa análise, faz-se necessária a compreensão do racismo como estrutura de poder (Almeida, 2021; Kilomba, 2020; Hall, 2018), que opera discursos excludentes, presentes nas diversas esferas sociais e, sendo as redes uma parte emblemática do que hoje é o Brasil, é preciso entender: a) quem são esses agentes que propõe debates racializados? b) quais são os pontos mais contundentes dos discursos apresentados? c) quem são as pessoas que se veem representadas pelos enunciados propostos e manifestam seu apoio através de comentários e curtidas? d) quem ataca tais discursos e questiona sua racialização? e) como as marcas respondem a esses posicionamentos que questionam as atitudes tomadas pela mesma?



41. Dos armários, fobias, discursos e resistências: cartografia das masculinidades em ambientes digitais

Almerindo Cardoso Simões Junior
SEEDUC-RJ, FAETEC-RJ

Esse trabalho tem por finalidade apresentar um resumo de minha tese de doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ em agosto de 2022. A pesquisa surge, em primeiro, a partir de minhas próprias inquietações e questionamentos em relação às elaborações das masculinidades e homossexualidades nos perfis de usuários de sites e aplicativos voltados, inicialmente, para o público gay. Tomo a liberdade de chamá-los de homens que buscam encontros com homens, já que nem todos se veem como gays. Tendo como ponto de partida os modelos de masculinidades presentes no senso comum das sociedades ocidentais, observo que há uma hierarquia, onde aqueles que não se encaixam em padrões os mais próximos possíveis da masculinidade hegemônica (CONNELL, 2005, 2013, 2015, 2016) são postos à margem. Raramente são objetos de desejo em um mercado com tantas opções e escolhas. Estar fora de performances consideradas como masculinas (SCHECHNER, 2013) ou ser incapaz de reproduzir atos performativos dentro do que se entende como pertencentes ao macho (BUTLER, 1997, 2003) propiciam o surgimento de “guetos dentro do gueto”. Nota-se que esse processo de busca e exclusão é, mais do que uma questão de gosto pessoal, também elaborado graças a aspectos sociais e mercadológicos que valorizam determinadas características em detrimento de outras. Entendendo os enunciados produzidos como espaços da constituição do etos —a imagem de si— além de dialogar com as autoras e autores já mencionadas acima, bem como com os conceitos de rizoma e cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995; PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA, 2015; ROLNIK, 2016) procurei criar uma trajetória, um percurso possível de análise que gerou 9 “leituras de mapas” a partir da observação de 54 perfis levando-se em consideração os seus enunciados. Perfazendo uma análise cartográfica do discurso (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021), concluo que os enunciados dos usuários desses sites e aplicativos estão entrelaçados a três instituições, não físicas, mas fortes o bastante para ditar regras extremamente arraigadas às sociedades ocidentais: o Patriarcado (BADINTER, 1986),

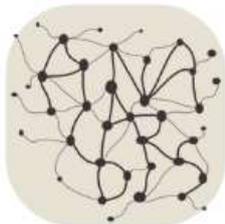


o Machismo (CASTAÑEDA, 2006) e a Homofobia (CASTAÑEDA, 2007; BORILLO, 2010).

42. Mídias e produções diferentes, práticas discursivas comuns: debates a partir da relação Estado-sociedade no governo Bolsonaro

Gabriel Merlim Moraes Villela
Gustavo Henrique da Costa Torquato
UFF

Para a plenária, propomos debater os desafios para a construção de um corpúsculo de análise, por meio dos referenciais teórico-metodológicos da análise cartográfica do discurso, tomando por base o uso de produções de diferentes gêneros discursivos relacionados ao meio digital, tais como lives, vídeos no YouTube e Instagram, postagens em diferentes redes sociais, bem como reportagens publicadas on-line. Nesse sentido, a discussão proposta abarca a construção da justificativa de um corpúsculo com produções diversas e não lineares, mas entre as quais observamos relações por meio do campo discursivo. Tais questionamentos partem da elaboração de um trabalho que busca entender como foi construída – e como ainda ecoa – discursivamente a relação de interação entre Bolsonaro (na então figura de agente de Estado) e diferentes grupos da sociedade civil (empresários, figuras midiáticas, eleitores, entre outros). Temos observado que, mesmo em diferentes produções em mídias distintas, há estratégias e dispositivos discursivos que são repetidamente mobilizados por esses sujeitos. Como exemplo, destacamos a retórica da peritagem e do outsider político, bem como a lógica de ódio à alteridade, como estratégias discursivas assumidas por tais sujeitos como meio de relação entre Estado e sociedade civil. Portanto, objetivamos contribuir com o debate teórico-metodológico da análise cartográfica do discurso sobre a construção do corpúsculo e o processo de pesquisa, com foco na justificativa das decisões tomadas no fazer acadêmico, utilizando como escopo a relação Estado-sociedade civil.



43. Quem tem medo da Análise Cartográfica do Discurso? Quebra de paradigmas e novas visões de ciência

Ariane Oliveira

UERJ

Maria Cristina Giorgi

CEFET/RJ

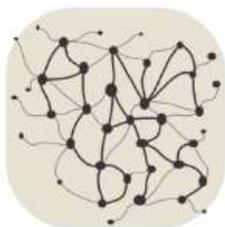
Partindo de um evento específico, ocorrido em 2021 no grupo de pesquisa AnaCarDis, e da observação de uma certa dificuldade em produzir resumos que não pertencessem ao padrão instituído em inúmeros congressos, pretendemos discutir os possíveis obstáculos encontrados por pesquisadores em acolher um outro modelo de produção de conhecimento que desvia dos padrões impostos pela ciência moderna. Sabendo que o trabalho em Análise Cartográfica do Discurso requer do pesquisador uma mobilização “por um paradigma ético-estético-político” (Deusdará e Rocha, 2021), discutiremos sobre os processos de subjetivação que nos acontecem, enquanto pesquisadores em AnaCarDis, e a resistência de determinados sujeitos em compreender a ciência como processualidade, embate de forças, experiência – entendida, aqui, como algo que nos afeta e transforma – e em praticar, como único modelo de trabalho possível, a coletividade. Entendemos que a quebra de paradigmas científicos, enraizados há anos nas práticas acadêmicas, pode vir a ser uma das maiores dificuldades do pesquisador que se pretende cartógrafo. Como abandonar certezas? Como negar essencialismos e universalismos que definem, há séculos, o que é sujeito, objeto e ciência? Como acessar o plano das forças quando sempre nos apresentaram as formas como construção de uma dada realidade? Esses são alguns dos questionamentos que pretendemos trazer em nosso trabalho.

44. Desafios no trabalho com mapas nas aulas de História e uma proposta lúdica

Fernando Nascimento Rocha do Amaral

UERJ

Como apresentado por Kanuss, "a produção cartográfica revela-se fonte do imaginário social", sendo a cartografia "um tratamento intelectual do espaço". Portanto, trabalhar com mapas representativos desse imaginário de forma mais ampla do que



simplesmente o espaço físico pode ser produtivo às aulas de História, com contextualização e interpretação pertinentes. Por outro lado, o trabalho com mapas em sala de aula apresenta diversas dificuldades, a começar pela limitação de mapas lúdicos e atrativos nos livros didáticos e, quando presentes, pela insuficiência de atividades que explorem seu potencial. Propomos um debate sobre as possibilidades de usos de mapas com imagens lúdicas para representações de realidades históricas distintas, bem como um caminho para melhor compreensão da linguagem cartográfica.

45. Análise do Discurso e o corpo - fluxos, singularidades e linhas de fuga

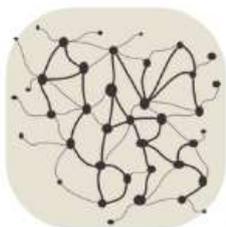
Mônica de Souza Houri
UFRJ

Como as diferentes abordagens de Análise do Discurso têm/ou não incorporado a questão dos corpos, não apenas em suas concepções teóricas, mas também em seus procedimentos de construção de corpus e de análise? Experimentar tais possibilidades pode significar deslocamentos desejáveis ao vasto campo da Análise do Discurso? Podem tais experiências suscitar pistas no tange maior aproximação das singularidades em seus fluxos? Em uma proposta cartográfica de AD, proponho que as questões expressas se sirvam da cosmovisão de Espinosa e de Deleuze para pensarmos e experienciarmos associações entre o corpo e as linhas de fuga. (em elaboração)

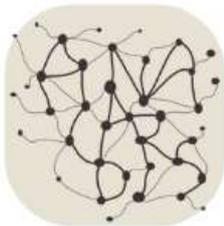
46. “É preciso ter pulso firme”: a violência presente nos discursos encontrados nas escolas

Maria Clara Gomes Braga
Késsia Cristina de Souza Rosário
CEFET/RJ

Este trabalho busca refletir sobre os discursos propagados dentro das instituições de ensino, através da prática da comunicação violenta, onde crianças são submetidas a um tipo específico de tratamento baseado no "pulso firme". A pesquisa norteia-se através do olhar de uma professora/pedagoga e uma psicóloga que debruçam-se



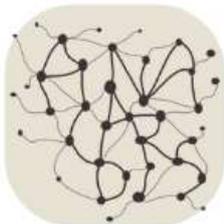
sobre um exemplo de uma escola pública, localizada no município de São João de Meriti, região da Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro. Tal escola, assim como muitas outras instituições de ensino municipais, têm o seu quadro de alunos constituído majoritariamente por crianças negras, pobres, transpassadas pela vulnerabilidade socioambiental, emocional e afetiva. Esses estudantes são moradores de favelas e, diariamente, desde muito cedo, lidam com ambientes violentos e de insegurança física, emocional e psicológica, sendo essas vivências consequências das ações ou falta da presença do Estado em suas vidas. Logo, quando a escola poderia ser o espaço de conforto e acolhimento para essas crianças, torna-se mais uma vez uma ferramenta da biopolítica dentro das comunidades cariocas, fazendo com que os alunos não se sintam pertencentes a esse lugar de direito, onde são repreendidos, silenciados, têm seus corpos controlados e sentimentos esvaziados de importância. Esse discurso, dificulta o desenvolvimento de uma comunicação afetiva com as crianças, e faz com que vejam que existe somente um único caminho de resolver seus conflitos que é através da violência, da vingança, de não deixar passar em branco o seu sofrimento, fazendo assim com que o outro sofra também. Este comportamento é gerado por uma cadeia de sofrimento e raiva embutidos dentro desses seres afetando diretamente o seu presente assim como o seu futuro. Adultos que terão dificuldade de lidar com as suas emoções, que terão dificuldade de usar o senso crítico porque sempre foram ensinados a obedecer sem refletir sobre as situações, não saberão usar suas vozes e reivindicar seus direitos e seus deveres. Entretanto, a comunicação afetiva ainda se mostra como uma estratégia para reverter esse quadro. Apresentando para essas crianças uma infância prazerosa de se vivenciar. Construindo um espaço afetivo que possa acolher e ensinar a lidar consigo, seus sentimentos e com os outros ao seu redor. Baseando a convivência na escuta, respeito, na compreensão do seu próprio limite e do outro, entendendo as diferenças de maneira cuidadosa e afetiva.



47. Racialização e megaempreendimentos: quais os desafios da cartografia na identificação dos atores sociais?

Ester Cristina Mello Guerra
Fábio Sampaio de Almeida
CEFET/RJ

Acompanhar os processos de constituição dos sujeitos na comunidade do Contorno, Petrópolis/RJ, e seu processo de formação enquanto movimento social organizado para pressionar e aumentar o custo político para o Estado e instituições que violam cotidianamente seu territórios e direitos humanos, é algo que “requer imersão na experiência, e a compreensão de que a determinação de um objeto de pesquisa requer a compreensão de que ao percorrermos o trajeto, estaremos o moldando de acordo com o que é ditado pela própria jornada” (PASSOS; BARROS, 2019, p.31) Ao modelar a caminhada que vem sendo desenvolvida na minha pesquisa de dissertação, a cartografia permite que o processo a ser mapeado seja a realidade que estamos vivenciando. São inúmeros os relatos, captados em áudios e depois transcritos ou retirados de atas, e documentos como ação civil pública, inquéritos, relatórios, apresentados pelos moradores que demarcam a relação tensa estabelecida entre eles e a concessionária. Nosso propósito tem sido compreender como uma cartografia discursiva desses espaços de encontros entre os moradores da comunidade, que tem como finalidade a ampliação do custo político e a busca pela reparação das violações de direitos humanos cometidas durante a gestão da CONCER - Companhia de Concessão Rodoviária Juiz de Fora-Rio de Janeiro - na administração da BR 040, bem como pelas ações de órgãos federais como o IBAMA e a ANTT, nos auxiliaria no mapeamento dos atores sociais envolvidos nos mais diversos conflitos socioambientais, em especial o travado entre a CONCER e o Contorno. Esse trabalho tem baseado-se nas compreensões conceituais críticas acerca do corpo que vive sitiado em guerra infraestrutural (FANON, 2022), que é racializado (MBEMBE, 2014), mecanizado (FEDERICI, 2017) e atingido (LOSEKANN, 2016). Busco portanto, (i) Discutir e entender como a cartografia, enquanto metodologia, marca as origens das forças e tensões que conectam os processos de subjugação aos seus atores sociais, sem reduzir excessivamente a complexidade dessas interações; (ii) não contribuir para



estereótipos negativos ou estigmatização de grupos sociais populares, reforçando a marginalização.